

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER, CONFLITOS E
PRAZER EM UMA INSTITUIÇÃO A PARTIR DAS
EXPECTATIVAS DE SEUS ATORES.**

RAÍSSA MOQUICHE DA COSTA

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER, CONFLITOS E PRAZER EM
UMA INSTITUIÇÃO A PARTIR DAS EXPECTATIVAS DE SEUS ATORES.**

RAÍSSA MOQUICHE DA COSTA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Licenciada
em Ciências Sociais pela Universidade
Federal Fluminense

Orientador: Prof.ºDr.º Carlos Eugênio Soares de Lemos

**CAMPOS DOS GOYTACAZES
2015**

Este trabalho é dedicado, a minha Mãe Rosicler, e a toda minha linda família. A todos os jovens das instituições estudadas e a todos meus alunos, pois com todos eles sempre tive apoio e aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre me ensinar a ter um olhar de sensibilidade, por me ensinar à beleza do não ser extremistas, por me dar forças e me conhecer.

Aos meus pais Rosi e Gilmar, por todo incentivo e investimento na minha vida pessoal e profissional e por toda educação e amor depositado.

Às minhas avós Ernestina, Agripina (*in memorian*), à minha irmã Mellina e meu irmão Diego, por todo aprendizado e sorrisos.

À todos os meus amigos da turma segunda turma de Ciências Sociais da UFF Campos, que fizeram parte desta caminhada, muitos foram crucias para minha permanência em Campos.

À todos os novos amigos que a vivência na universidade, para além da sala de aula, me proporcionou.

Aos grupos de pesquisa CEP 28, NERU e ao Projeto de extensão PVCJC, UNITI aos professores coordenadores e colegas pesquisadores e professores, aos alunos da dança livre, da UNITI. Muita obrigada por todo aprendizado, risadas, viagens, e por me ensinarem a ensinar.

Aos professores, Flavio Sarandy, Geovana Tabachi, Sergio Riso, Marco Brandão, que dentre muitos conhecimentos, me ensinaram, que não se ensina se antes não souber trocar, também com eles teve início a prática de lecionar, colocando didática, metodologia, conhecimento, na paixão eu tinha em estar em sala de aula. Em especial a Andreia Paiva e Marcio Malta, os quais sempre me depositaram um olhar sensível, e me incentivaram a prosseguir. Muito carinho e admiração por vocês.

Aos professores, Hernam Mamani, Simone Silva, Fabio Reis, Gisele Reis (*in memorian*), Natalia Reis, Leonardo Almeida, Leonardo, Glaucia Mouzinho, Manuela Blanc, José Colaço, Eloiza Neves, Elis Miranda (curso de geografia), Marcinha (curso de história), Gabriela Scotto, Cléber Andrade, Andrea Osório, Sheila Barbara, Vanuza Ney (curso de economia), Roney, Silvio, entre outros, que com eles aprendi a beleza e

importância das Ciências Sociais, do ensino, pesquisa e extensão, me proporcionaram a paixão pela pesquisa, e participaram efetivamente na minha formação.

A professora Jussara Freire e Maria do Socorro Lima, muita gratidão aos ensinamentos adquiridos nos grupos de pesquisa, todos nossos campos e conversas, foram fundamentais para meu amadurecimento acadêmico e são pessoas, por quem tenho profunda admiração e carinho.

Ao meu querido orientador, Carlos Eugênio, por qual tenho um profundo carinho. Ele possui influencia direta na minha formação acadêmica, bem como na minha formação pessoal. Ele foi uma das pessoas, que na universidade me faziam sair da minha zona de conforto, me questionar, me causando angustias, liberdade, e muitos prazeres. Ensinando-me que o relativizar, olhar com sensibilidade, vai para além do que é dado, do que é demonstrado. Ele foi uma das pessoas que me ensinaram a separar e a vivenciar bem os diferentes *campos* e a beleza que há quando efetivamente se consegue isso, por mais que às vezes haja um esforço maior para se conseguir isso. Fez-me abrir os olhos para melhor vivenciar a vida acadêmica. Obrigada.

À todos queridos amigos das mais diversas *redes*, que a cidade de Campos dos Goytacazes me presenteou. Com vocês o estar em Campos ficou mais leve e colorido.

E em especial, a todos os alunos que se tornaram amigos, que o projeto de extensão do Pré- vestibular comunitário da UFF me proporcionou, e a todos os jovens pesquisados, vocês me ensinaram a lecionar, me fizeram amar este ofício, e me fizeram prosseguir e “concluir” este presente trabalho.

À todos os professores que tive desde do meu tempo de escola, até hoje, que me fizeram sentir prazer em estar no ambiente escolar e universitário, seja como aluna, ou aprendendo a ser professora.

“...a competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas”. Paulo Freire, 2011.

RESUMO

Este trabalho busca entender as relações entre jovens e a instituição as quais eles se encontram e analisar as especificidades encontradas nos diferentes espaços dessa instituição, bem como a forma que os atores ali presentes se relacionam. O estudo foi feito em um período de dois anos utilizando etnografia, observação participante e entrevista com os interlocutores, além de uma pesquisa bibliografia. Apesar de esse trabalho ser importante academicamente, o mesmo se faz pertinente pelo objeto que é pouco estudado. As relações, afetos e vivências desses atores possuem grande relevância social visto que a instituição estudada é pública e deve acolher a toda a sociedade. Através dos resultados foram percebidas as relações de conflito, poder e prazer, entre os atores e o local, em que o tipo de relação e pertencimento que há no espaço, contribui facilitando ou dificultando o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras- chaves: relações, representações, jovens e professores.

ABSTRACT

This research aims to understand the relationship between Youngers and the institution they are in. Besides, it also analyses some peculiarities which were found in different sections and areas of this institution such as the way they behave among themselves. During two years the research has been done through ethnography, observation active participation, bibliography research and interviews with the main characters. Even though this research is academically important and relevant it is also pertinent due to the social influence and the public institution which all the society must have the right to be in. What makes this work different is the main subject and the social group we have been studying, their behavior, relationship, affairs and way of living, which are not common subjects. Through the results it was noticed three kinds of relationship: the conflict, power and pleasure between the place and the characters which the kind of relationship and feeling of belonging present in the area contributes to the way to make the learning process easier or more difficult to occur.

Keywords: representation, behavior, relationship, learning process, teachers.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	10
1. AS SALOCSE	12
1.1. ALOCSE I.....	14
1.2. ALOCSE II.....	20
2. AS DIFICULDADES E OS CONFLITOS	26
2.1. Uma visão geral.....	27
2.2. Os discursos e os conflitos.....	28
2.3. As aproximações e distanciamentos.....	29
2.4. Entre professores e alunos.....	29
2.5. Entre grupos de alunos.....	35
2.6. Entre funcionários, entre professores.....	37
2.7. A presença da polícia na escola.....	39
3. O PRAZER	42
3.1. A diversidade do Prazer.....	43
3.2. O prazer para os alunos nas escolas.....	45
3.3. O prazer para os professores.....	46
3.4. Um lugar dos estudantes.....	49
3.5. Hoje é dia de Festa.....	51
3.6. “A hora da entrada e da saída é a hora mais legal”.....	53
3.7. Um grupo de fé.....	53
3.8. A arte nas ESCOLAS.....	54
3.9 A manifestação.....	55
4. UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE AS RELAÇÕES NAS ESCOLAS	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	73

Introdução

Esse trabalho tem como campo uma instituição social que é familiar a muitos: a ALOCSE. Na mídia vários relatos de situações de tensões e conflitos entre os atores que a frequentam, chegando ao ponto de algumas situações se desdobrarem em violência física e, em casos mais extremos, em morte. Estes indivíduos que lá se fazem presentes, sejam profissionais (*setnecod* e funcionários em geral) ou usuários dos serviços (*setnecsid*), encontram-se muito insatisfeitos com os rumos dos processos que lá se desenvolvem.

Há entre estes atores um discurso de “culpabilização” do outro. Por um lado, os usuários dizem que os profissionais faltam com o respeito, são autoritários, não têm educação, possuem mau cheiro, são “macumbeiros”, não cumprem as obrigações, entre diversas acusações. Por outro lado, os profissionais dizem que os usuários são “uns bichos”, então perdidos, não possuem limites, são preguiçosos, para citar algumas de suas queixas e justificativas para que os diferentes atores se assemelhem na vontade de não permanecerem nessa instituição.

Assim este trabalho busca responder a seguinte questão: Será que a experiência nesta instituição ainda faz sentido para os atores que a frequentam?

Essa problematização se justifica a partir das minhas memórias do tempo em que nessa instituição estive na condição de usuária. Sempre desejei e fui muito feliz nos ambientes deste local, exceto os primeiros dias, os quais eram um misto de medo e vontade de descobrir aquele local. Só de se aproximar da instituição já ficava muito apreensiva, mas no decorrer dos dias, naquele local não possuía grandes problemas. Então quando retornei, na condição de estagiária e observadora, inicialmente tive que *estranhar* o que me era *familiar*, e ver essa configuração que me era *familiar* de forma diferenciada. Assim uma das coisas que mais estranhei foi o distanciamento entre os usuários e os profissionais. Com passar do tempo no campo percebi e vivenciei que muitas das reclamações, se davam devido a esse distanciamento, devida a falta de interações mais positivas entre eles.

No desenvolvimento deste trabalho, realizei uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de levantar, analisar e sistematizar as informações. Assim, com a ajuda de Bourdieu, Simmel, Elias e Goffman procurei problematizar o distanciamento entre os

dois grupos observados. Utilizei também a ajuda da Análise de Discurso Francesa para refletir sobre as falas em seus devidos contextos de enunciação.

O campo deste trabalho foram duas instituições, ou seja, duas SALOCSE. Nelas, recolhi o corpus discursivo que serviu de análise para as minhas reflexões. Para tanto, fiz entrevistas e grupos focais e assumi a perspectiva da observação participante. Acolhi também como dado as conversas informais, os relatos de vida e as observações feitas nos múltiplos cômodos das instituições pesquisadas.

As entrevistas, grupos focais e conversas informais, foram efetuadas com diferentes pessoas, idades, classes sociais, sexo e função atuante nas instituições. Procurei levantar como esses atores são percebidos, e percebem os outros, o que dizem de si, o que esperam da instituição, o significado dela em suas vidas, de onde elas vieram e para onde vão depois dali, quais são suas redes de amizades, suas trajetórias, suas expectativas futuras, entre outros.

Este trabalho foge um pouco do que estamos acostumados a presenciar numa monografia, principalmente no modo como algumas terminologias são empregadas no desenvolvimento do texto. Algumas propositalmente foram descritas de forma desordenada, mas de modo proposital, para causar modificações no efeito, e para que o leitor passa desconstruir a visão que possuíam destas instituições e desses atores, sendo levados como que há trabalho de *imaginação sociológica*, Wrigt Mills (1969). Esses termos serão postos em itálico e estrapado mencionado os nomes dos atores, lugares e algumas ações presentes nas instituições.

Dito isto, esse trabalho se divide em quatro capítulos. No primeiro capítulo irei descrever sobre essas instituições de maneira bem ampla, do seu físico, estrutura interna e atores. No capítulo dois e três descreveremos e analisaremos os conflitos e prazeres, respectivamente. Tendo um enfoque mais de análise e de uma descrição do que foi observado e “experenciado” nas duas SALOCSE.

No último e não menos importante, o quarto capítulo, irei analisar as interações a partir da bibliografia base, mas isso não significa que, quando houver necessidade, nos capítulos anteriores, não deixarei de fazer menção a algum autor. Com isso peço que leiam até o fim, mesmo que pareça denso ou inicialmente sem sentido, ou até mesmo com dificuldade de decifram algumas palavras, mas encare como um jogo, que ao final as peças se encaixaram.

Capítulo I

As ALOCSES

Os campos discursivos desta pesquisa exploratória são duas instituições que se dedicam a uma mesma tarefa. Ao chegar nesses dois lugares, notei algumas diferenças físicas, outras que dizem respeito às rotinas e certas vivências, porém foram percebidas semelhanças nas relações estabelecidas entre os dois diferentes atores que são peças-chaves para a discursão que aqui tentarei desenvolver. Vale a pena ressaltar que a maioria do que descreverei aqui são observações dos acontecimentos e das interações que vivenciei e percebi ao longo do tempo em que estive presente nestes espaços. São tanto as relações de prazer, poder, quanto as de tensão entre os sujeitos envolvidos na cena de enunciação.

Assim, peço neste momento, caro leitor, que você aceite o convite de se imaginar neste local à medida em que o descreverei. Peço também que se imagine caminhando no ambiente e, como numa neblina, se permita me dar às mãos e deixar com que os conduza por esses espaços. A minha passagem neste espaço é temporário, por isso devemos levar em consideração que o tempo que estive nestes espaços são bem particulares, pois os atores bem como as situações as quais observei não são imóveis, apesar de muitas vezes nessas instituições acontecerem ações cujas mudanças nem sempre são vistas com bons olhos por alguns atores ali presentes.

Minha entrada nestas instituições se deu devido a uma obrigatoriedade em uma disciplina presente em meu curso de graduação, com o tempo minha inserção nesses locais passou a ser um aprendizado para meu futuro profissional, bem como nessas instituições, possuem diversos campos intrigantes a serem pesquisados, sendo assim, minha inserção em ambas se deu desta forma.

Ambas as instituições se assemelharam na parte burocrática de inserção e permanência nestes locais. Obtive uma boa e surpreendente entrada no campo, pois em pouco tempo, já me encontrava imersa a realidade dos atores pesquisados. Acredito que algo que me ajudou e muito nessa boa relação, principalmente com um desses atores, era de me assemelhar muito fisicamente com eles. Neste sentido inicialmente em meu campo, muitos achavam que eu era um desses atores, e quando sabiam que eu não era, estava ali com outra função, à curiosidade os traziam ainda mais até a minha pessoa.

Minha passagem nestes espaços é temporária, ao mesmo tempo foi de grande valia tanto no âmbito pessoal quanto profissional, me manter nos anos de 2013 e 2014, nestes locais. E realmente nestes anos até mesmo no segundo semestre de 2012, me fazia presente nestes espaços. Muitas vezes estava me encontrava no turno da manhã e da tarde, convivendo as diferentes realidades desses dois atores, nos espaços os quais nestes períodos eles transitavam. O presente trabalho descreverá a rotina desses atores, suas relações, seus grupos, suas dificuldades, seus prazeres.

Isso faz com que pesquisa, muitas vezes rompa com limite geográfico dessas instituições. Esse romper os muros foi necessário para entender como se dá a relação e o comportamento desses atores dentro dessas instituições, já que os personagens principais deste trabalho são esses sujeitos. Bem como romper também com o meu limite, pois o tempo em que ali estive, foi em uma situação de aprendizado, como se estivesse passando por um *rito de passagem*, pois os campos aqui pesquisados, serei também integrada a uma comunidade de natureza “similar” a estas observadas.

1.1 A ALOCSE I

UM POUCO MAIS DIVERSIFICADA

Essa instituição está situada em Campos dos Goytacazes, uma cidade de porte médio no norte do estado Rio de Janeiro. Ela funciona em um bairro familiar e considerado importante. Em seu entorno, há muitas casas e uma das principais avenidas da cidade passa bem perto. Isso “facilita”¹ o acesso dos mais variados sujeitos que ali estarão presentes.

Ela funciona na maioria das vezes de segunda-feira a sexta-feira, nos turnos da manhã, tarde e noite, com diferentes especializações em ambos os turnos. Recebe diferentes grupos de atores sociais, com funções das mais variadas. Quando há necessidade, ela também funciona nos dias de sábado, pois realiza diferentes projetos, eventos e parcerias externas. Muito embora, pareça existir uma fronteira, com aquilo vem “de fora”, há diversas tentativas² para que isso diminua.

A minha inserção neste local se deu ainda no segundo semestre de 2013. A sua cor é fria e sonolenta, quando vamos entrando no local, temos a sensação que passamos por fases, como em um jogo. Na medida em que passamos, são abertas e fechadas as grades. Não há mistura de cores. No jardim não há plantas, há algumas poucas árvores. O local no geral é pintado, com ar condicionado, cômodos grandes, com muita vigilância humana e tecnológica, muitas proteções, de grades e tendas em sua totalidade. Alguns atores me informaram que não fazia muito tempo ocorreu uma reforma no local, pois o estado dessa instituição era de grande descaso, e muito ruim.

Uma instituição que foi criada para atender a uma das necessidades da população. Esta mesma população é quem paga o salário dos seus funcionários, mas

¹ Neste caso, “facilita o acesso”, esta escrita entre “”, pois devido ser um trabalho qualitativo, estive próximo também da ida e vinda de uma parte dos atores aqui observados, os quais passam por diversas dificuldades até chegarem em suas intuições desejadas. Desde transportes precários e lotados, até a dificuldade de que um motorista pare no ponto de ônibus para a entrada desses no transporte público. Outros são de distritos vizinhos, e com isso o trajeto e chegada a essa instituição “... já era uma luta”. Discurso mencionado por ambos os atores, que tinham que fazer uso do transporte público.

² Essas tentativas são diferentes, pois há diferentes interesses. Ao mesmo tempo em que há projetos ligados a outras instituições locais, de caráter diferente a esta, há uma tentativa de infundir nesta instituição projetos ensaístas para que se percebam como funcionária, bem como “projetos extras” da mesma instituição, que utilizam horários alternativos. Por isso são horários distintos, devido aos diferentes especificidades de cada projeto, por essa instituição relacionada.

esse pagamento passa por uma “triagem”, bem como as regras que regem esse local, tudo “vêm de cima”, como mencionado por uma das funcionárias entrevistadas. Ela tem tantas coisas similares às outras instituições, mas também tantas coisas particulares. Qualquer pedido ou concerto de algo para a melhoria deste local é feito com grande atraso, devido também a uma grande burocracia. Ao mesmo tempo, esse local que é tão público, tão normativo, em alguns momentos, as pessoas fazem dele um espaço privado. Na chegada à instituição, inicialmente, eu me identificava. Mas, com o passar do tempo, não foi mais necessário, pois se inicialmente, eu era estranha, hoje, neste ambiente, já sou e me sinto mais familiar. Passamos na portaria, e entramos neste ambiente que para alguns dos atores é chato, parece uma prisão, nada pode, não tem nada a ver com eles, sendo que os dias nesse lugar podem parecer algo bem repetitivo. Para outra parcela de indivíduos ali presente é um lugar agradável, onde se encontram com os amigos, jogam bola, tocam viola, ministram orações, vão namorar, estudar entre outras coisas.

Ao adentrar o pátio, percebemos que se trata de um lugar tão frio quanto às cores e às grades nos demonstram na fachada da rua. A única coisa que me fez sentir um calor e me remeteu a alguns anos atrás em minha adolescência foram os gritos de alegria e barulho dos indivíduos reunidos em um espaço particular desta instituição, aquela sensação de um misto de medo, alegria e ansiedade, de um novo que se inicia. Ao passar do primeiro portão, logo avistamos mais um a nossa frente e outro a nossa esquerda. Também há câmeras de segurança, bem como muitos avisos escritos tudo o que é proibido neste local, bem como outras determinações.

Os espaços ali presentes são bem arejados, porém não possuem cor, não possuem flores, como escutei de muitos ali, “... aqui não tem a nossa cara, não podemos fazer nada”, não possui muitos bancos. Possui somente uma grande mesa de concreto, que as pessoas que ali “treinam”, os “setnecsid” a utilizam para socialização, para comer. Se fossemos olhar para o local, sem os sons, risadas, conversas, correrias dos indivíduos ali presentes, acredito que muitos de nós poderíamos até achar que aquele local, é triste, frio e distante.

Vale ressaltar que os as pessoas que gozam deste espaço, são oriundas dos locais mais variados da Cidade de Campos dos Goytacazes, de diversos níveis culturais, sociais e econômicos. O terreno onde esta instituição esta fixada é de um bairro considerado nobre na cidade. Dessa forma, percebo que muitos discursos que, ali

circulam, por serem, *polifônicos*, trazem consigo um emaranhado de expectativas, realidades, lutas, possuindo varias interferências culturais. Contudo mesmo havendo diferentes identidades entre esses atores, estas representações e relações se cruzam neste mesmo lugar que é A ALOCSE.

Existem nos quadros de aviso muitas proibições, tudo que uma parte dos frequentadores não podem fazer, principalmente os “*setnecsid*”. Temos a esquerda um corredor, com câmera e muitas vezes ele se encontra meio escuro, provocando uma sensação de medo, “de um coração apertado até segui-lo”. Esse sentimento foi descrito por um individuo de um grupo, de uma corrente que ali vai para “treinar”. O lugar é diferentemente visto e vivido por parte dos que ali se encontram para exercer atividade remunerada os *setnecod*. O Corredor em questão dá acesso a quatro cômodos com muitas mesas, livros, papéis, pastas, computadores, biscoitos, água, cafezinho, comidas, quadro de avisos com resultados, indicações, prazos a serem cumpridas. Dois cômodos desse corredor são as *salas dos “setnecod”* e a tão famosa e temida *sala da oãcerid*.

A *sala dos “setnecod”* pertence a um grupo que vai a essa ALOCSE em dias específicos. Eles possuem uma relação diferente com o espaço, com a instituição. São raros os que se preocupam com o ambiente, com sua cor, como os *setnecsid* que ali se encontram de segunda a sexta. Este espaço é utilizado por alguns *setnecod* para exercerem o seu ofício. Preparar alguma atividade, saber de suas obrigações como funcionários daquele local. Porém, quando lá eu me encontrava, o que mais sobressaia neste lugar eram as falas de decepção sobre os *setnecsid*, a ALOCSE, a *oãcerid*, o governo, entre outros. Eram poucos os que ali se encontravam motivados e alegres em relação aos que se viam ali. Em grande parte, muitos só queriam ir ali “fazer o que deveram fazer e ir embora”, como foi mencionado por diversos *setnecod*.

A grande maioria das pessoas que fazem parte dos dois grupos, os *setnecod* e *setnecsid* possuem muitas diferenças fixadas pela instituição, porém o que mais as assemelham é a vontade de ir embora desse lugar. Ouvei de um *etnecsid*: “a hora mais legal é a hora de ir embora, {risadas}”. Já o individuo do outro grupo foi: “...só tenho paz quando saio daqui!”. Neste dia me senti bem instigada, mas existiam coisas nesta ALOCSE que me fazia prosseguir. Percebia claramente a ausência de prazer dos dois grupos, a sensação de falta de sentido com o que faziam, aprendiam e “viviam” ali.

Na observação participante, dois atores diferentes entre si me chamaram a atenção por destoarem do tom geral: o *etnecsid* Juninho e a *etnecod* Maria. Em nossas conversas sobre o que significava para eles estar na *ALOCSE*, percebi a sensibilidade de ambos que se mostraram apaixonados por suas atividades dentro daquele estabelecimento. Os dois possuem objetivos em estar ali, é um lugar especial a eles, convivendo com as pessoas, buscando o prazer em suas relações, numa atitude de entrega fiel à *ALOCSE*.

Continuando a andar pela *ALOCSE*, ao virarmos para o lado direito do corredor, encontraremos as *salas de salua e a salas de aidimitlum*. As primeiras são o lugar onde os *setnecsid* passam boa parte do tempo realizando tarefas as quais muitas das vezes não se tornam produtivas, pois para uma grande parcela desses atores não há sentido, nem proximidade no que ali eles “assistem”. Para uns, muito do que ali é mencionado é “palhaçada”. Houve, uma *etnecsid* que disse que o *etnecod* ficava apenas falando sobre religião, que ele parecia um maconheiro e tinha cara de sujo.

Nesses ambientes com *diversas samrut* (agrupamentos de *setnecsid*)₂ ocorrem diferentes relações, ocorrem muitos conflitos de diferentes “níveis”, mas também há relações prazerosas de grandes aprendizados, diversão e consideração entre os sujeitos. Esses atores se encontram mais próximos em comparação aos outros ambientes dessa instituição. Quanto à estrutura das salas, as paredes são em sua maioria pintadas – mesmo que com cores frias –, tudo bem higienizado, apesar das luzes serem um pouco fracas e apesar de possuírem janelas com grades, elas não são arejadas, pois existem umas que se encontram bem escondidas. Elas possuem ar condicionado, ventilador, e em algumas há regras de proibições, bem como cadeiras e paredes pinchadas, com frases e símbolos de facções criminosas e frases com sentido grosseiro.

As salas são utilizadas para diversas funções, mas a grande maioria dos *setnecsid* preferem ficar fora dela. E muitos desses dois atores (*etnecsid* e *etnecod*) se “transformam” quando estão neste local. Todos se encontram de maneira normativa, sentados, virados para quem seria a “figura principal” deste recinto. Mas, nessa instituição, não é bem isso que podemos reparar, há uma grande trânsito dos atores no tempo em que se dá o momento mais importante para que essas *salas* são feitas. *Setnecsid* andando de um lado para o outro, cadeiras bagunçadas, grupos conversando, e muitas vezes muitos celulares carregando ao entorno das paredes. E esse ator que seria o “principal”, muitas vezes têm que brigar para conquistar “ibope”.

No caso da *sala edaidimitlum*, muito raramente é utilizado pelos membros da instituição. Este local é ocupado com coisas que não é de sua função, como depósitos de caixas, e segundo um *etnecod* conseguir fazer o uso desse espaço é um tanto burocrático e além disso os *setnecsid* dispersam e acabam não fazendo o uso devido.” Já outro *etnecod* diz que as atividades se tornariam mais dinâmicas e até produtivas se fizessem uso de salas especiais de trabalho, mas não consegue auxiliá-los, pois seu tempo de *alua* é escasso.

Agora, iremos para a parte de trás desta primeira ALOCSE. Surge aos nossos olhos, uma área, agora não tão fechada, como essa grande primeira parte pela qual passeamos. Nesta segunda parte há uma grande pátio, tanto se fixarmos nosso olhar para esquerda ou para direita. Também podemos perceber muitas *salas*, uma área de jogos e um refeitório. Nesta ALOCSE, algo interessante é que, para alguns, a função de um refeitório nesta organização é inconveniente, pois fazer algum tipo de refeição neste local significa a perda de *status*. Muitos dos *setnecsid* com os quais tive contato diziam que não havia necessidade de se alimentarem naquele local, já os *setnecod* faziam o uso, quando tinham que ficar naquela ALOCSE por mais de um turno. A propósito, os elogios à comida eram correntes, fiz grande uso desse espaço, como um canal de interação com os sujeitos aqui estudados. A partir do campo visual que possuímos da porta do refeitório, por algumas frações de segundo, podemos até cogitar a ideia de que estamos em outro local de lógica semelhante. E com tantas técnicas, normas, falta de sensibilidade, proibições, ausência de cores (no mais variados sentidos), pode parecer até que estamos em uma prisão, (que para alguns não deixa de ser).

Como mencionei anteriormente sobre as SALOCSE observadas, elas contém muitos mais quadros de aviso sobre proibições, exortações, hierarquização de rendimento dos *setnecsid*, do que incentivos de leituras, de lugares, danças, de filmes, etc. No que diz respeito às áreas de jogos, iremos perceber que muitos *setnecsid* não se encontram nas *salas* mas “fogem” para as áreas de jogos, como se queixam muitos *setnecod*, pois para muitos *setnecsid* a área de jogo é o local que mais faz sentido, onde tornam-se reconhecidos, queridos, onde passa a ser um local para não só um tipo de modalidade específica, mas também uma área de sociabilidade e encontro. Conversei até com um *etnecsid* que tinha desistido de sua função e jogava bola, sua grande paixão, como ele me confidenciou. Mas devido não ter conseguido mais jogar profissionalmente e por ter muitos conflitos com os *setnecod*, ele “saiu” da ALOCSE.

Foi então que perguntei o porquê dele estar ali então, dentro daquela instituição. Aí ele me disse que quase sempre vai ali, jogar bolar, conversar com os amigos, que as áreas de jogos tinham uma grande importância não só para ele, mas para muitos. No caso dele ainda há um sentimento de pertencimento aquele local, pois ali ele permaneceu por anos, e pelo que pude perceber para os que ali estão ele possui mais “ibope”, *moral* como eles costumam dizer, do que muitos que estão ali legalmente.

1.2 A ALOCSE II - LEVEMENTE HOMOGÊNIA

Esta instituição que conheceremos agora está situada em um local um pouco afastado do centro de Campos dos Goytacazes, onde é considerada para alguns, uma instituição “um pouco mais familiar”. Ela normalmente funciona de segunda- feira a sexta-feira, das sete horas até às dezoito horas, em casos especiais seu funcionamento se amplia até o sábado. A rua, que abriga a instituição, apesar de estar próxima de uma avenida, como a primeira instituição aqui descrita, também é um das mais conhecidas na cidade. Ela, bem como a instituição, toma uma forma de simplicidade, calma. Muitos de seus membros tanto os do bairro quanto os vindos lugares mais distantes se sentem “em casa” ali. Seja pelo tempo em que ali estão, ou por algum amigo, familiar, ter passado por ali, ou pela foto de que as pessoas as quais eles se relacionam, se encontram ali a um bom tempo.

Acredito que sua fachada bem pintada, clara e com o nome do local escrita em evidência, faz deste local um pouco mais leve do que a *ALOCSE I*. Também há grades, muros altos, portões grandes ao seu entorno, porém em sua totalidade, o campo visual se encontra com mais leveza do que a anterior. E então, vamos descobrir o que há na parte de dentro? Quando entramos, nos deparamos com ar livre! Para nossa surpresa, há uma área enorme sem nenhuma tapagem. Me encontro surpresa, pois infelizmente na situação atual, o que mais encontramos neste tipo de instituição, são locais mais fechados, escuros, que como descrito por alguns, “...às vezes tenho a sensação de faltar o ar, não sei ao certo que horas são, quando fico aqui dentro, por muito tempo.

Se explorarmos um pouco mais o físico deste local, perceberemos muitas áreas abertas, ao mesmo tempo em que, nas laterais, se encontram espaços fechados com janelas e portas, que, na maior parte do tempo, são mantidas fechadas. Se seguirmos e virarmos a direita, encontraremos essa mesma dinâmica, espaços abertos e fechados. Nos espaços abertos, a funcionalidade é apenas de passagem de pessoas e não de permanência legitimada (pois apesar de uma parte dos protagonistas dessa instituição “insistirem” em ali ficar por mais tempo do que o “permitido”, são chamados à atenção pelos outros protagonistas desse espaço). Já os locais fechados, que aqui chamarei de *casulo* – Invólucro de sementes, segundo o dicionário. Neste momento acredito ser legítimo, apenas expor o significado, porém explicarei mais tarde, a alusão que faço do

casulo com esse espaço fechado e às vezes até repressivo – , possuem mais ferramentas para a presença dessas pessoas, o que não significa que “Estar ali, é realmente estar...”, como mencionado por um dos atores.

É interessante essa relação com o permitido e não permitido, que se dá entre um espaço aberto e outro fechado, o que é agradável e o não tão agradável assim. Apesar desses espaços abertos possuírem poucas ferramentas que auxiliariam a socialização, a maior parte da interação entre os membros do mesmo grupo é considerada por uma parte dessas pessoas estudadas como sendo prazerosas nesses locais. Já nos locais do tipo *casulo*, são percebidos mais conflitos, apesar de serem de ordem e grau bem distintos do que as da *ALOCSE I*, devido os mais variados motivos, os quais perceberemos nos capítulos que seguirão.

Por esse local receber pessoas que vão ali desenvolver uma determinada atividade considerada fundamental para a comunidade, que esta é quem paga tributos para mantê-la funcionando e esperavam-se muitos motivos de satisfação, porém a sensação segundo os próprios atores aqui estudados, resulta em um local que “pouco se faz”, perto da grande menção discursada e esperada pela sociedade, pelo governo.

Esta *ALOCSE II* é apresentada por alguns de seus profissionais como uma instituição familiar. A maior parte dos *setnecsid* que a frequentam e até mesmo os funcionários têm uma relação de carinho e afetividade com essa instituição. Percebo entre os atores uma relação de proximidade com a *ALOCSE*, pois possuem boas referências de suas experiências na mesma. Ela atende a um público relativamente homogêneo. Um dos motivos que leva a essa possível “homogeneidade” é a localização, que se fixa num bairro familiar, um pouco distante do centro da cidade e da rodoviária, como mencionado anteriormente.

Nesse *ALOCSE II*, possuem salas que não demonstram nenhum vestígio de que são utilizadas, apesar das paredes estarem bem pintadas, em um dos espaços abertos se encontram flores, algumas árvores, em ambas as instituições também são encontrados, em vários ambientes, artigos religiosos, frases de incentivos aos profissionais que ali trabalham, pois essa instituição foi considerada como uma das melhores em uma avaliação do governo. Nesse caso é percebido duas contradições. A primeira é que esses artigos religiosos não são bem familiares ao público dessa instituição, ao mesmo tempo

em que é considerado uma contradição com a finalidade legal dessa instituição, segundo a lógica de trabalho de alguns profissionais ali presentes.

Nesta ALOCSE II, percebi o quanto o trabalho do *etnecod* se dá não somente dentro desse espaço, mas também fora do mesmo. Digo isso, porque quando iniciarmos nosso passeio nesta instituição como fizemos com a ALOCSE I, perceberemos situações similares ao que vivenciei nessa minha visita, perceberemos, que o contato que o “*etnecod*” pode ter com os “*setnecsid*” não é somente em “*alas*”, mas também quando possível um maior reconhecimento da instituição, das áreas de maior sociabilidade e lazer dos “*setnecsid*”. Pois quando o *etnecod* se permite e faz uma tentativa de conhecer as especificidades do local de onde se trabalha. É um emaranhado de questões que ali são vivenciadas, e que podem ser interligadas ao *etnecod* desde sua preparação até sua efetivação em salas de “*alua*”.

Continuando a descobrir este local, percebemos que similar a ALOCSE I, uma estrutura cansativa, de salas com grades e cores frias. Em ambas as SALOCSE há um amplo espaço físico e que acabam não sendo efetivamente utilizados. Nesta ALOCSE, diferentemente da I, nem os *setnecsid* utilizam destes espaços com grande frequência, somente nos intervalos é que são efetivados poucos momentos de interação nestes locais. Mesmo porque há poucos bancos de assento, não há mesas, nem cantina, estas faltas as quais presenciei podem parecer supérfluos, no entanto, significam objetos nesta instituição que podem gerar maior socialização destes jovens. Fazendo daquele lugar menos “frio e desmotivado” .

Nela também há um comércio, uma espécie de lojinha que vende lanches e doces. A ALOCSE recebe a visita de homens de moto, em sua maioria amigos dos que ali se encontram. Estes vão a porta das ALOCSE, e ali ficam conversando e namorando. As pessoas me confiavam que muitas iam para ALOCSE por que ali, na hora da saída ou ainda nos intervalos das *salua*, ou mesmo quando conseguissem sair da *salua*, elas poderiam ficar na grade conversando. –mesmo os *setnecsid* dentro da ALOCSE , e os “amigos, namorados e ficantes” ficassem do lado de fora da ALOCSE.

Essas ocorrências podem nos demonstrar o outro lado, considerado por muitos *setnecod* como desviante do que se pretende na ALOCSE, mas que existe, e são cruciais ao meu entendimento, para percebemos as relações e comportamento dos *sonula*, dentro da ALOCSE. Algo que também muitas vezes, iremos ver e escutar, em

ambas as instituições, são os *setnecsid* pulando os muros das ALOCSE. Em ambas percebi essas evidências, eram *setnecsid* pulando de dentro para fora, e de fora para dentro. Se perceberem isso em nossa visita as ALOCSE, não precisam se assustar. Pois tive a oportunidade de conversar com dois jovens sobre os motivos de estarem fazendo algo que é considerado pelos outros atores ali presente proibido, errado. O primeiro eu o encontrei pulando o muro da ALOCSE, era no início da tarde, alguns minutos antes de acabar o horário do turno da manhã. E fiquei pensativa porque já estava quase na hora da autorização para sair.

Enquanto retornamos nosso reconhecimento físico desta ALOCSE e como existem diversos símbolos e “códigos a serem decifrados”, por diversas vezes temos que entender o que está presente dentro deste espaço, como as relações, os discursos dos atores, entre outros. Algo que pude perceber em ambas SALOCSE, foi à forma dos *setnecod* tratarem os *setnecsid* e vice-versa. Percebi que algo que acaba conquistando os *setnecsid* é interagir com eles, com suas realidades mesmo muitas vezes adversas a dos *setnecod*.

Os poucos *setnecod* os quais me aproximei, eram raros os que tinham um carinho, dedicavam atenção, ou se sentiam próximos aos *setnecsid* dentro e fora daquele espaço. Na maioria dos *setnecod* quais estive observando de perto, era suficiente o ato de ser professor, estava simplesmente no “dá aula”. Até mesmo muitos *setnecod* ainda possui este *habitus* hierárquico, que é o “*setnecod*” quem “passa o conhecimento”, e quem “detém o poder”. Isso foi mencionado por vários “*setnecod*”, e os “*setnecsid*” quando questionados sobre suas relações com esses atores, são poucos que possuem uma relação de afeto, respeito ou admiração para com eles.

Retornando ao espaço físico desta segunda ALOCSE, as salas, presentes por ambos pátios, são agradáveis aos atores que delas desfrutam, são pintadas, há quadro branco e ar condicionado, apesar da pouca incidência da luz como na biblioteca, que é só seguir no primeiro pátio, do lado direito ela se encontra. ELA possui duas áreas de espaço amplo, onde os *setnecsid* ficam brincando, conversando. Não existe comércio nesta ALOCSE.

Se voltarmos e seguirmos para o segundo pátio, perceberemos no corredor que há um quadro de aviso, como já mencionado acima, que contém diversas proibições, mas que também possui mensagens de exaltação e incentivo do *etnecsid* e, quanto ao ensino, faixas de agradecimento há alocse e seus funcionários gerais. No mesmo corredor se encontra os banheiros, poderia aqui somente mencionar que eles na maioria

das vezes se encontram sempre limpos, como o da primeira ALOCSE, mas algo que poderia nos passar despercebidos, podemos para e analisar sobre. Os banheiros estão escrito, banheiros dos *setnecsid* e ao lado banheiros dos funcionários, este último, se encontra trancando e é mais limpo. O curioso é que na outra escola também têm essa diferenciação de banheiros. Porém o banheiro dos funcionários fica “no ambiente da chefia”. E não um ao lado do outro.

Eis que chegamos ao espaço de lazer, tão lindo e grande – na visão de alguns *setnecsid* – apesar de não estar pintado. É nesse local que os *setnecsid* ficam jogando bola, conversando, tocando pagode – um dos ritmos musicais mais presentes na vida daqueles com os quais tive contato – , onde também foi espaço que abrigou um dos eventos na ALOCSE, os quais os *setnecsid* foram os protagonistas para a realização e os que mais ficaram felizes em ali estarem presentes. Os *setnecsid* vêm de toda parte da cidade de Campos dos Goitacazes, a grande maioria do próprio bairro ou bairros próximos e alguns de locais mais distantes.

Voltando ao primeiro pátio. Nele percebemos sala dos *setnecod*, são duas salas anexadas onde cada sala possui longas mesas, com armários, e um armário com água e bebedouro, biscoitos. Nesta os *setnecod* quase não interagem entre si, o que pude perceber que os *setnecod* mais antigos, interagem mais com os funcionários da mesma. A secretaria é bem organizada e possui um clima agradável, devido ao ar condicionado.

Por sua vez, a coordenação, não possui ar condicionado, a chefia não fica em uma sala só pra ela, divide com mais alguns funcionários, e pelo que percebi ela se encontra à todo momento envolvida com questões institucionais, ou conversando com algum *etnecsid* e *etnecod*, ou passando nas salas para dar alguns avisos, elogios e reclamações. Percebi também que todos os funcionários *esetnecod* se dão muito bem com ela, que a mesma agrada também alguns *setnecsid*, mas não a todos.

A sala de informática é bem ampla, com ar condicionado e significativos computadores. Chama atenção o trabalho para o uso das novas tecnologias como recurso de treinamento, pois eles já estão inseridos. Se voltarmos um pouco logo depois do amplo estacionamento, temos a sala de vídeo também é grande, porém não tem ar condicionado e é bem quente a sala, os *setnecsid* reclamaram muito, e saíam diversas vezes da mesma, percebi isto, em dois filmes que estive presentes com eles.

Há algumas salas que nunca vi abertas – como a de representação política, sala de dança, mas há alguns meses atrás retornei a esta ALOCSE e percebi que essas atividades foram reativadas – Tanto que os *setnecsid* mencionam que apesar das salas

estarem quase sempre fechadas, as atividades que eles mais gostam são as aulas de dança, luta e exercícios físicos. A sala de leituras também é espaçosa, mas em dois anos de campo nesta instituição, verifiquei a presença de pouquíssimos *setnecsid* neste local que é bem agradável, apesar de também ter pouca incidência de luz, contém livros, troféus, entre outros.

Já a sala de livros é menor tem alguns livros, os exemplares dos livros presentes não são muitos, e não havia nenhum *setnecsid* as vezes que lá entrei. Percebi maior incidência neste local, de funcionarias conversando, comendo, praticando o ato da venda direta – revistas de artigos de casa, mesa e banho e bijuterias e perfumes, Com acesso a ambos os pátios podemos encontrar o refeitório é bem extenso, com mesas e cadeiras de plástico, mas todas bem limpas e com toalhas, a comida é bem gostosa – bem como na ALOCES I, a grande maioria dos *setnecsid*, assim como *etnecod*, funcionários e diretora almoçam no refeitório e final do almoço se tem um doce de sobremesa.

Capítulo II

AS DIFICULDADES E OS CONFLITOS

A ALOCSE é a ESCOLA num exercício de distanciamento

Devido à escola ser um ambiente familiar para muitos, um local onde passamos muitas horas de nossos dias e para alguns muitos anos de suas vidas, quando iniciei a pesquisa, tive a mesma sensação, de memórias e lembranças. Mas como estagiária por mais que meu campo fosse escolas as quais não conhecia, era uma escola. E por mais que minha condição, meu ofício fosse outro, ainda assim existiam comparações, olhares, entre outros, "do tempo em que eu estudava". como em DAMATTA (2000), temos que naturalizar o que nos é familiar e naturalizar o que nos é estranho. No campo, em contato com meus interlocutores, percebi o quanto isso é crucial para pesquisa, mas também para lecionar.

Pois como veremos muitos conflitos se dão, devidos os interlocutores, na maioria das vezes estranharem as atitudes, as roupas, as falas, do outro, e não os relativizar. A ALOCSE foi uma estratégia de distanciamento do campo escola, para que fosse provocado no leitor um estranhamento, do objeto aqui estudado. Na condição de estagiária, estava também envolvida e a imaginação sociológica em MILLS (1969), recomendando a desnaturalização daquilo que já temos como familiar.

O capítulo anterior inicialmente pareceu meio confuso e com palavras desconhecidas, não acharam? Mas conseguiram decifrar qual instituição estamos falando? Acredito que muitos compreenderam rapidamente no texto, por mais que seja difícil de acreditar que sejam realmente duas instituições escolares. Com isso, foi utilizando uma metodologia, divertida, audaciosa, mas sem deixar o profissionalismo, que segue Os SONACIREMA, onde ao decifrarmos de onde é falado, percebemos que somos nós mesmos, e acabamos por estranhar o local em que passamos uma grande parte do tempo de nossas vidas, e não há reconhecemos. Espero que esse exercício, de

estranhamento, reflexão, possa trazer há luz, as dificuldades acerca dos objetos, conteúdos, didáticas, metodologias, funcionalidade, estrutura que estão presente no local que era pra ser de ensino, de sorrisos, de cores. Então podemos desnaturalizar e repensar as ESCOLAS, a partir e de forma lúdica, fazer com que, quem leia esse trabalho, possa em primeiro momento perceber as letras fora de ordem, para confundir e instiga-lo e guia-lo a utilizar a *Imaginação sociológica*.

2.1 Uma visão geral

Neste capítulo que se inicia, iremos cuidar dos temas específicos das dificuldades e conflitos de relacionamentos. Esta temática é múltipla, e por se tratar de duas instituições, muitas situações se assemelham e outras não. Ela já é por si um “problema”, pois só em mencionar o termo, dá margem para diversas percepções e teorizações. Neste trabalho, o que comandará será a riqueza percebida no campo. Por isso optei por um trabalho mais descritivo. Este também não deixa de ser formado como uma via de mão dupla, ou seja, as interações de dentro para fora, quanto de fora para dentro destas instituições. Os conflitos podem ser gerados por diversas razões: diferentes ideologias, posicionamentos, às “injustiças”, ou por um desejo de autoafirmação, competição, etc.

No fim deste capítulo, perceberemos o quanto a existência e manutenção de diversos tipos de conflitos, acabam por distanciar esses diferentes atores nestas instituições e também porque isso faz com que a *sociologia* não seja – dentre outros motivos – bem aceita, bem vista, nem muito legitimada nestes locais, dificultando também o processo de ensino aprendizagem. Usarei as observações de campo, as entrevistas individuais, os grupos focais de ambas as ESCOLAS, podendo haver semelhanças ou não dentre esses campos. Será exposto de uma forma extensiva, de acordo como flui no campo, mas por mais que seja de uma forma dissertativa e aparentemente unificada, o conflito perpassa a temáticas diferenciadas, como chamarei atenção neste capítulo. Os atores pesquisados são professores de diferentes disciplinas, com maior foco no professor de sociologia, já os alunos são de diferentes turmas do ensino médio.

As escolas pesquisadas possuem perante a cidade a qual elas estão localizadas, algo curioso e que avalio pertinente ser mencionado, pois apesar de estarem geograficamente situadas em locais distantes, uma é uma escola “piloto”, ou seja, todos os projetos, inovações, novas especificidades de turmas, são experimentados e aplicados primeiramente nesta escola. A outra, possui um bom resultado no ENEM, na AGIDE, e nas provas de avaliação quanto ensino do governo federal. Essas escolas conseguem obter os bônus oferecidos à escola, aos profissionais e alunos. Fazendo com que seja considerada entre alguns professores, devido a sua nova estrutura física e pelo “público de alunos”, como a “melhor pra se trabalhar”, na visão de alguns professores, onde três professores, que conversei, os quais não lecionam nessa escola, dizem ter o desejo de ali trabalharem.

Iniciei meu campo nessas escolas, quando os anos letivos se iniciaram. Percebi que eram raras as turmas as quais estavam juntas há mais tempo, somente duas turmas os alunos se conheciam, estudavam juntos há anos – uma em cada escola –, nas turmas existiam alunos que eram “compatíveis” as idades nas respectivas séries, outros que eram repetentes. Descrevi as turmas de uma forma mais generalizada, buscando expor a heterogeneidades encontradas nelas.

2.2 Os discursos e os conflitos

Os conflitos estão presentes nas disputas discursivas. A linguagem e a cultura são imprescindíveis para que haja a mediação entre o homem e a realidade natural e social, entre o dentro e fora das instituições aqui estudadas. Para ORLANDI (1999), o *discurso* é palavra em movimento, efeito de sentido entre os sujeitos. Com isso no desenrolar deste trabalho, problematizarei os discursos dos atores presentes no espaço discursivo, algumas de suas estratégias para fazer valer as suas práticas e visões sobre a realidade na qual se encontram.

Algo central que percebemos na análise de discurso é que não há *discurso puro*, como inúmeras vezes nos discursos aqui descritos e analisados perceberemos. Todo e qualquer discurso, posicionamento, é permeado, entrelaçado, e influenciado por vários outros discursos que vieram antes dele ou que lhes são correlatos. Por isso é necessário interpretar o que foi dito não só de forma textual, mas principalmente contextual, levando em consideração todos esses elementos, que são cruciais para o entendimento

mais amplo, até porque há inúmeras interpretações, e cada qual segue de acordo com o “eu”, sua história, não puro/a do *co-enunciador*, nem do *enunciador*.

2.3 As aproximações e distanciamentos

Como pude perceber, existem conflitos entre os professores e os alunos, entre alunos e alunos, entre professores e professores, entre os funcionários e alunos, entre professores e funcionários, nas mais diversas combinações. As diferenças culturais, ideológicas, sócio-econômicas ou apenas de posicionamento naqueles diferentes locais no interior das instituições, acabam por se configurar em conflitos. Não acontecendo apenas entre os diferentes grupos, mas também pelos diferentes indivíduos que compõem os mesmos grupos.

2.4 Entre professores e alunos

No discurso dos professores e diretoras, há perigos rondando a escola. Nesse contexto, eles, os alunos, não podem passar a ditar as regras nesse local, pois já têm professores querendo parar de lecionar, professores que não querem que seus filhos sigam a mesma carreira deles, professores com medo dos alunos quebrarem os seus carros, professores com medo de ir contra os alunos, devido a represarias, ameaças, entre outras situações descritas para explicar a presença policial ali, por exemplo.

“Alunos vem com droga, com instrumento cortável. Para própria defesa do aluno, professor e patrimônio, é que estamos aqui. Muitos bandidos entram nas escolas para matar alunos, muitas escolas são pontos de venda de droga também.” Fala de outro policial entrevistado. E acrescenta, “Essa polícia aqui é mais humanizada, não é qualquer policial que pode se inscrever, não pode estar com nenhuma inadimplência”. (Fala de outro policial entrevistado, sem identificação, jun. 2014).

Nas turmas, percebemos que qualquer novo evento já faz com que exista uma movimentação, um burburinho. Seja uma reação devido às notas, às chamadas, ao tempo de aula, aos exercícios e aos outros eventos. Com um sentido parecido que têm foca em ELIAS e SCOTSON (2000). O que mais ocorria eram as chamadas “conversas paralelas” entre os alunos, seja com o professor falando ou não. Quando um

aluno presta atenção, alguém do seu grupo desvia a atenção dele para outro assunto qualquer, atrapalhando não só a esse aluno como aos demais. Os alunos bem como os professores reclamam. Os alunos reclamam porque têm que copiar, que eles estão cansados, que não entendem o que o professor fala, entre outros.

Às vezes, a linguagem do professor é um pouco distante da dos alunos. Na ESCOLA II, os alunos entravam e saíam de sala sem pedir licença e isso não era uma atitude combinada, ou porque havia liberdade, mas era feito para atingir diretamente o professor, pois sabiam que o mesmo não gostava dessa atitude. Havia também uma grande incidência do uso do celular em sala, muitos com o fone de ouvido, de conversas e discussões em voz alta dentro de sala, mesmo havendo consciência da presença do professor ali.

Foram raras as situações presenciadas em que houve uma tentativa de aproximação dos professores com os alunos. "Quanto a possuir amizade com os alunos, pra mulher, é mais fácil," me disse o professor de sociologia da ESCOLA II. Mas a questão não é de gênero e sim de ter consciência sobre a importância que o contato com o aluno tem para o êxito em sala. Em uma entrevista, um professor me afirmou que ele deveria deter a lei, a liderança em sala, senão o aluno a possuiria, pois até na vida deve haver um líder pleno. Mais uma vez percebi que alguns conflitos são gerados por não haver no ofício do professor um distanciamento do pessoal, o que eles vivenciam e acreditam na sua vida pessoal trazem isso para dentro de sala, sem passar por um filtro de adequação aos objetivos educacionais.

Quanto às observações que fiz em sala sobre as relações de sociabilidade dos alunos e professores, no que diz respeito às tensões, chamaram-me à atenção a grande diferença de notas entre os adolescentes, a disparidade das mesmas, ou seja, alguns alunos tirando notas muito boas em Sociologia e outros obtendo notas bem inferiores. Para além da falta de dedicação aos estudos, um fator que certamente influencia é o de empatia e o de diferença geracional,

Eu já tive uma professora que só falava besteira, nem parecia que era professora de Sociologia, eu não estudava aqui não, mas ela falava que se agente continuasse usando roupa apertada, curta agente ia ser estuprada, e é assim mesmo. Pra mim a melhor professora foi a de matemática, eu odiava, mas ela é maravilhosa, eu passei amar matemática. A melhor hora é no

intervalo, porque agente joga queimado, futebol, fica conversando, “zuando”, um monte de coisa. Só assim pra escola ser boa, porque a estrutura. (depoimento de uma aluna da Escola, BRUNA, Abr., 2014).

Nesses locais, há muitas disputas pelo conhecimento. Para os professores, eles possuem o conhecimento e aos alunos somente o senso comum. Para os alunos, não os interessa muitas das vezes tal conhecimento que detém o professor, pois isso para eles não é necessário. Algo que foi muito percebido e ouvido até mesmo dos alunos era que principalmente o professor de sociologia da ESCOLA I, mal dizia a todo o momento a sua profissão, era como se fosse uma martírio para ele estar ali. “tá vendo meu celular é esse que um professor dá pra comprar.”, ou ainda, “... tenho mesmo que almoçar na escola, porque com o salário do professor né?!”. Sendo que seu celular era um modelo muito antigo, e que os alunos o zombavam a todo tempo, devido a isso também.

Ocorre que alguns professores, em sala de aula, não conseguem se distanciar de si, vêem e julgam os alunos com seus valores e acabam sendo preconceituosos, segregadores e acabam por achar que se seu trabalho é em vão. Tive contato com alunos que relatavam sobre professores que não os tratavam bem, influenciado com isso, o processo ensino aprendizagem, “se eu quero seu respeito, eu vou te respeitar, muitos professores não tem educação”. Como em outra fala, “uma amiga que estuda comigo chegou atrasada esses dias na sala, e essa mesma professora perguntou se ela chegou atrasada, por que estava trabalhando na 21 de Abril! (rua situada no centro da cidade onde trabalham as prostitutas).

Alguns professores muitas vezes não procuram perceber em que o jovem possui dificuldades em sua aula, apenas o critica, não inova nos recursos didáticos, não melhora didática, metodologia para que haja uma melhora também desses alunos. Muitas vezes os alunos é que “devem” se enquadrar, o professor de sociologia da ESCOLA I se posicionou de forma diferente. Uma vez presenciei um teste em dupla e no final ele ainda concordou que fosse com consulta ao material. Acredito que o professor, tenha que achar um meio termo pertinente a ambos, pois isso ajuda na falta de legitimação da própria disciplina, pois os alunos disseram ao sair da sala, “Ainda bem que não fiquei estudando ontem”. Se ao menos ele problematizasse a avaliação, explicasse o método formal de avaliação, e o que ele pretendia, talvez diminuísse as críticas.

Algumas turmas de segundo ano, são consideradas mais calmas, na visão de alguns professores. Na ESCOLA II, o professor exalta a sociologia, apesar de brincar com sua profissão, possui orgulho da mesma. Diferentemente do professor da ESCOLA I, que diz: “Se eu comprar óculos novo, fico sem comer.”; “Professor tem que comer na escola, porque se não o salário vai todo no almoço.” Já os alunos, dizem “Nossa o professor veio com a mesma roupa!”; “Você viu o celular dele”; “Professor, quando o senhor vai se aposentar?”. A representação dele, não é positiva, com isso faz com que sua imagem não seja bem percebida pelos alunos, como em GOFFMAN (2005).

Um dia, na entrega da prova sociologia, esse professor discutiu com uma aluna, pois ele queria ler, explicar a prova e a aluna queria a prova dela. Ele a respondeu de forma grosseira, devido toda bagunça da sala, e ele ali tentando fazer seu trabalho. Ela, o xingou, e bateu com a porta em seu rosto, e a porta chegou a pegar no professor. No fim dessa aula, ele foi até a direção, e a diretora mandou chamá-la, mas ela já tinha ido embora, e ficou por isso mesmo. Essa situação configura em um desânimo profissional neste professor, “Vou largar a escola, já deu já.”; e continua, “Minha vontade era de dá um tiro nela. Mas pode deixar, vocês vão ver, agora vou vim armado até os dentes, não vou mais ser bonzinho não, não vou brincar mais!”.

Em um dos meus dias no Estágio, o professor disse a turma "vamos fingir que somos civilizados? Vamos fingir que somos gente? "Diferentemente da relação do professor com as turmas, da ESCOLA II, percebi que essas relações se dão dessa forma depreciativa. “Fiquei até hoje lecionando porque sentia prazer, mas agora ficarei mais tempo e me aposentarei.” Nesta mesma conversa, o professor de sociologia da ESCOLA I, também disse sobre si sua formação, seus trabalhos no passado e presente, seu engajamento, deixando bem claro que apesar dos alunos os criticarem, bem como os olhares estigmatizantes da coordenadora e de alguns professores, ele tinha muitos atributos, e não precisava estar ali, passando por aquilo.

Conflito mais face a face ocorreu devido a uma discussão entre esse professor e uma aluna considerada “terrível”, uma das “piores” da sua escola. O motivo foi a entrega das carteirinhas. Na discussão, a aluna disse algo sobre, “... te dou um soco!” Ele (o professor de sociologia), de uma forma instintiva, respondeu: “Eu te mato”.

Então, me disse: “Se juntar essa turma com a outra do primeiro ano isso explode, só tem bicho, eu quero que eles morram, não têm como evoluir não. Não sei como eles convivem entre eles. Pra te falar verdade, fico torcendo pra acabar logo. Ufa! Já é o fim do ano, acabou!” Com palavras e coração simulando uma falsa alegria, mas os seus olhos demonstravam revolta e muito constrangimento com o ocorrido. Sua vingança era “farei uma prova final, que ninguém vai passar.” Não há parceria entre os atores, visando uma melhor educação. E sim uma propagação do maldizer sobre os alunos desta classe específica, do tempo de aula que é pouco. Pois a sociologia bem como o ensino no geral, é uma via de mão dupla, os alunos têm que auxiliar o professor, bem como ele deve se utilizar até dessas situações para problematizar e lecionar.

Por outro lado, alguns jovens também mostram imensa dificuldade de compreenderem o universo do professor, chegando mesmo à intolerância geracional, étnica e racial. Numa determinada turma, o aluno, ao interromper a aula, perguntou ao professor..”Professor você é casado?”. Pergunta que em tese teria que se ter intimidade com o outro, coisa que não existia. Ele prontamente respondeu que sim, e o aluno tornou a dizer, “Nossa e ela deixa você sair de casa com esse cabelo? Faz essa barba professor!”. Esses discursos poderiam ser justificados como: "os jovens são assim mesmo, é esperado que se brinque". Mas não de forma desrespeitosa, né?! Ao mesmo tempo, que o professor não utiliza dessas situações, para desconstruir esses preconceitos. Mas ao contrário, o professor de sociologia, que é formado na área, fica discutindo em sala de aula, sem tirar proveito educacional da situação. Em contraponto, ele diz: “Tem aluno que pede pra ser reprovado, né?!”

Muitos alunos, por mais que reconheçam a sua posição inferior na escala de poder, em alguns casos, eles não deixam de reclamar, possuem consciência de que os direitos não são iguais nesses ambientes, em vários sentidos. Fazem muitas reclamações sobre o local, considerado o espaço de segunda socialização e formação do indivíduo. Há muitas discussões de alunos com inspetores. Na ESCOLA I, muitos reclamavam da comida, apesar de em ambas as instituições, não serem muitos alunos que faziam as refeições. Como em BOLTASNKI (2007) os alunos não são dopados culturais, ao contrário, possuem consciência dos posicionamentos, das desigualdades existentes na sociedade e como menciona BOURDIEU (2000) reproduzidas nas ESCOLAS, eles reivindicam, discutem, bem como se ajustam, para tirar algum tipo de “proveito”, pois

sabem que nessas relações, se concretizam dessas formas. Tendo que assumirem novas posturas, se apropriarem de novos dispositivos e conseguirem seus objetivos. Pois essas diferentes moralidades principais, põem em cheque o viver junto nessas ESCOLAS.

Os atores, sejam professores ou alunos, são invisíveis ao outro “time”, e são vistos e entendidos mais no interior dos seus. Poderíamos pensar a escola como terra nativa da maioria, mas alguns se sentem como se fossem *estrangeiros* em sua terra nativa. O aluno se sente percebido como *estrangeiro* na escola.

“A unificação de proximidade e distancia envolvida em toda relação humana, organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta dizendo-se que nesta relação, a distancia significa que ele, que esta próximo, esta distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também esta distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação: é uma forma específica de interação. (...). São elementos que se, de um lado, são imanentes e têm uma posição de membros, por outro lado estão fora dele e o confrontam.” (SIMMEL, p183, 1983).

Uma questão curiosa, é que nas entrevistas com os alunos, sempre que era pedido a eles , que imaginassem uma ESCOLA de acordo com suas concepções, todos os entrevistados, aumentariam o tempo do intervalo e diminuiriam de algumas aulas. Pois hora mais esperada e vivenciada de forma positiva por eles, era o intervalo ou a hora da saída. Contudo, eles também reconhecem a sua responsabilidade no processo,

Acho também que a culpa é dos dois, porque se eles soubessem separar a hora de brincar, de usar o celular, de prestar atenção na aula, ai se os professores conversarem direito, não proibir tudo, ai dá pra se aproximar, igual alguns professores. Mas também tem uns professores que quer que a gente só fique olhando pra cara deles, três horas. Tem aula que é chata, tem um professor de português e biologia, que são liberdade, ai agente respeita, ele fala uns palavrões sem querer, ai anima a aula, com esses agente quase não briga. O que eu gostei muito foi um trabalho de varias matérias juntas que a gente teve que dançar, e teve uma aula que a gente fez uma musica, eu gostei muito. O ruim, são as brigas entre alunos e o professor e os meninos.” (depoimento de uma aluna da Escola, Fernanda, novem, 2013)

Nesta parte do campo, percebi na ESCOLA II que à medida em que eu ia entrevistando, observando o que ali acontecia, eu muitas vezes me pegava explicando o que a sociologia podia auxiliar nessas relações, nesse tema, na violência, entre outros. Então, incentivar esse estranhamento era um modo de problematizar a situação. E tentei ir descontruindo, indicando filmes, perguntando se os alunos tinham visto determinados autores, de forma bem leve, para que minimamente fosse possível, que eles (os atores pesquisados) pudessem se falar mais nos grupos focais, ou entrevistas individuais. Onde mais que relatar pensar o que estavam falando.

2.5 Entre grupos de alunos

Percebi que a formação dos grupos e redes nas duas escolas predomina o padrão clássico de aproximação por afinidades e distanciamento por diferenças. Assim, verifiquei a seguinte regularidades: a das meninas que são bem tímidas e unidas entre si; a das mais populares da escola, que são as meninas consideradas mais bonitas, que “ficam” (termo nativo que significa relacionam ou o ato de beijar alguém) com os meninos mais velhos, como por exemplo do terceiro ano; há também a dos grupos dos meninos que interagem com as meninas, os malhados, os que dançam, os que fazem parte do grêmio da escola, os que jogam futebol; há também a do grupo dos alunos que tocam violão e ficam nos intervalados cantando; têm o grupo dos alunos “cdf”, que são os mais estudiosos e ficam jogando jogos em sala; existem os “zoam”, ou seja, fazem brincadeiras com todos; existe também o grupo dos meninos mais tímidos; existe o grupo dos alunos que já trabalham e faziam cursos técnicos ou profissionalizantes ou de línguas; existe também o grupo das meninas que se auto-denominam de “maduras” porque estudam e cuidam da casa e das irmãs mais novas.

Há, em determinadas situações, conflitos entre os grupos. Aconteceu um caso na ESCOLA I. Os alunos conhecidos por uns como o “pessoal da fumaça”, por outros como os “maconheiros” que ficavam no fundo da instituição, tocando violão, fumando cigarro. Uma vez, eles fumaram maconha em cima da árvore. Denunciados, eles foram pra direção, na presença da polícia, todos tiveram que assinar um documento. Eles diziam ter conflitos com o “pessoal da célula”, que é um grupo de alunos cristãos que se reúnem na hora do intervalo para fazerem oração e cantar músicas religiosas. E, apesar

do aluno que me relatou esse fato um dia ter sido um participante da célula, ele tinha a plena convicção de que o pessoal da célula que havia denunciado. E isso gerou uma grande confusão.

Muitas vezes há conflitos entre alunos, principalmente quando há outsiders entre eles mesmos. Como após o professor mencionar que tal aluno era muito bom, inteligente, a maioria dos alunos passou a “persegui-lo”, só porque ele era considerado bom aluno. “O que antes era certo, agora é errado, não consigo entender.” (Fala do professor de sociologia, após o aluno elogiado, se sentir excluído pela turma, após receber o elogio), o professor mencionou que ser bagunceiro agora era o certo e ser um aluno estudioso não era mais. Redefinição também do “certo e errado” na escola atual. Para muitos os professores, principalmente o da ESCOLA I: “O aluno te testa, você tem que saber liderar a turma”. Porém muitos professores não sabem estabelecer uma forma de possuir uma boa relação com a turma, mas é necessário controlar, liderar, muitos estão sempre na “defensiva” e com isso não conseguem tocar no que de fato ocorre.

Esse aluno que participava das aulas, tirava boas notas, era elogiado pelos professores, e gostava muito de sociologia, mais tarde esse aluno foi trocado de turma, e como muitos, se redefiniu, passou a ser menos participativo e se inseriu em um grupo dos que o zombavam. Mas foi aceito, e para eles é isso que importa ainda mais para ele que além de ser “diferente” por se sentir bem nas aulas, ele tinha entrado na escola naquele ano, mesmo que para isso tivesse que se redefinir. Bem como mudança se dá na ESCOLA também se dá fora dela, na sociedade e não podemos perder isso de vista, pois a partir do que é construído no interior das escolas é reproduzido na sociedade e vice-versa.

Para além do professor, existem outras lideranças em sala. Muitas vezes é uma aluna ou um aluno bem “popular”. Às vezes, eles estigmatizam outros alunos e, por eles deterem essa liderança, dizem que raramente os professores “batem de frente”, com eles. Esses são utilizados pelos professores como uma espécie de pontes, de representantes da turma. Só que em algumas turmas esses “líderes”, não representavam outros grupos da turma, apenas o seu. Mas em outras, a turma seguia segundo as influências de um desses alunos. Isso gerava um conflito em sala, por parte dos que não eram representados por esses. E, além dos conflitos entre os grupos na hora das aulas,

principalmente as de sociologia, havia menção da culpa ser do professor. Já na ESCOLA II, foi percebida a mesma dinâmica, mesma fala sobre a escola, mas haviam de fato representantes da turma.

Nas turmas de segundo ano principalmente das duas Escolas, existem os grupos que gostam das aulas de sociologia, e os grupos que “tumulam”, a mesma. Com isso a conflito direto entre esses diferentes grupos, situados na mesma turma, e desses grupos para com o professor, um diz: “Haa, para! Só agente tá falando, né?! Não começa não professor!”, já o outro: “Professor se concentra, ou tira logo eles de sala!”. Os alunos pesquisados, em sua maioria, estudam ali há um tempo, outros entraram há pouco. Existem alunos que aparentam ser mais velhos, outros mais novos,. Em toda turma há algumas pessoas que ficavam sozinhas na sala, a maioria dos alunos, obtinham bons tênis, boas roupas, eletroeletrônicos e se utilizavam disso para sobressaírem perante outros grupos.

Ao olharmos de uma forma mais particular percebemos que as turmas são formadas por alunos de diferentes condições econômicas. Em uma turma do segundo ano em particular, percebi que os grupos dos que possuíam bons tênis, celulares e notebook, pareciam mais à vontade em sala, faziam mais barulho. Os que não possuíam os mesmos acessórios sentavam mais afastados e, apesar de possuírem melhores notas, ficavam mais quietos. Uma aluna, antes de sair, pediu pra conversar comigo, e mencionou a vontade de parar de estudar, porque ela precisava ajudar em casa, e já que na escola ela não fazia nada de bom, que pelo menos trabalhando ela ajudaria a mãe. Também conversei e tentei explicar pra ela a dinâmica do estudo e trabalho em sua idade, sem deixar de respeitar a necessidade familiar dela. Quando meu estagio terminou ela ainda se encontrava lá, e em um abraço me disse: “...Obrigada professora, me fez ver a escola e família de uma forma diferente.” E cada vez mais ia me sentindo próxima a eles, principalmente os alunos, e percebi que o “todo escolar”, não reconhece a juventude que há no aluno.

2.6 Entre funcionários, entre professores

Não só os professores, mas também outros funcionários da escola muitas vezes percebem os alunos como um alguém a parte: “Ah, minha filha, eles têm cuidado com

nada não, têm uns que é pior que bicho, suja tudo, quebra tudo, e ainda acha que é bonito, faz com orgulho sabe?”, fala da senhora da limpeza da ESCOLA I. E não reclamam apenas dos alunos, como nessa fala do porteiro da ESCOLA II. “Do nada a professora grita, ela não gosta de escutar agente, tudo ela tá sempre certa”. Mais uma vez percebemos nas falas dos entrevistados, falta de cuida com o local em que trabalham, com os indivíduos ali presentes, devido à falta de pertencimento aquele agrupamento.

Presenciei um evento na ESCOLA I, que realmente fiquei incomodada, algo surreal. O professor de sociologia, chegando à turma de primeiro ano – o qual tinha somente um tempo de aula –. Abrindo a porta se deparou com outra professora na turma, pediu desculpas e saiu. Conferiu seu horário e retornou a sala. Chegando lá antes que ele falasse a professora disse: “Ai professor, peguei seu horário né? É só um tempo, para eles fazerem a prova, quando acabar aqui mando chamar o senhor”. Sei que não devemos nos envolver no campo, mas naquele momento me sentir ofendida e o professor também. “Nem pedir desculpas ela pediu.”. Mencionou o professor, que ficou muito sem graça com a situação e acrescentou. “Colégio público é isso aí”. Já havendo uma desistência, racionalizando que o que é publico, é bagunça e não funciona.

Com esse fato lamentável ocorrido, percebemos o quanto aquele professor e aquela disciplina são estigmatizados, e o quanto, muitas vezes mesmo estando agindo de forma correta, nesses espaços os professores se redefine ao meio incoerente em que estão. E ficou o professor sem lecionar naquele tempo, pois os alunos foram embora após o fim da prova aplicada no horário indevido, mais uma vez se vê a reprodução da sociedade dentro do espaço escolar. Onde a professora pensou somente nela, na disciplina dela. Sem pensar no geral, no público e ate mesmo no coerente, com a responsabilidade com a educação.

Em outro momento, um professor que vinha lecionar após a aula de sociologia, ainda na ESCOLA I, disse ao professor de sociologia em um tom um pouco ríspido que, ele arrumasse a sala, as cadeiras quando saísse. Dizendo que na aula dele não há organização, deixando resplandecer que não só os alunos que possuem certo estigma com a sociologia e com o professor que não possui a imagem “compatível“, “esperada” e considerada “correta” pela sociedade e também por esses “profissionais”.

Um dos conflitos recorrentes entre professores é um professor ser mais próximo dos alunos, ou não seguir um padrão de comportamento “pré-determinado”, cabível a um professor que deve ser mais solidário com os colegas do que com os alunos. Presenciei alguns exemplos, mas vou me utilizar neste caso. Mesmo eu deixando bem claro, desde o início, que estava fazendo estágio naqueles locais, que estava ali aprendendo, fazendo uma pesquisa, etc. Muitos funcionários, alunos e até mesmo alguns professores, me chamavam e me tratavam como professora. Outros realmente achavam que eu era, me chamavam de professora, me ofereciam café, um banheiro diferenciado, até o dia que fui conquistando a confiança dos alunos, conversando com eles na quadra, para que o olhar dos funcionários fossem outros sobre mim. Pois uma boa relação com os alunos causa estranhamento e suspeita, principalmente aos outros professores, como observado nesse campo.

2.7 A presença da polícia na escola

Em um primeiro momento não pensei em expor essa temática dos policiais aqui, até porque isso teve início após minha retirada do campo, mas percebi que novamente havia a manutenção da influência do “de fora”, na relação dentro da instituição, e vice-versa. Havendo também uma reprodução do mundo social, tal como demonstra BOURDIEU (2000). E como neste acontecimento local, perceberíamos, não só como se dá a relação dos alunos e professores com os militares, mas também como reflexo dessas relações de poder militar se dariam dentro da escola. E também para demonstrar que muitos professores de sociologia, não se utilizam do que ocorre a sua volta. Somente em uma aula de sociologia foi abordado este tema, contando que conversei sobre isso com alunos, dos três anos do *ensino médio*.

A presença dos policiais na escola não é uma presença bem vista por muitos educadores e educandos. Mas, dialogando com alguns professores e alunos, percebemos que há controvérsias. Entre os alunos, havia quem fosse favorável e quem fosse contra. Para uma aluna do primeiro ano da ESCOLA II: “Como minha mãe falou foi a polícia que matou meu tio, não gosto de polícia não! Eles são maldoso, né?”. A primeira vista, muitos alunos acharam que eles só estavam ali para coagir, reprimir, mas com o tempo perceberam que eles podiam auxiliar. Uma aluna do terceiro ano disse, “Não sei como é feita essa escolha, se eles que se inscrevem como voluntários se são obrigados a vir, eu

nem gosto de policia não, mas tem uns aqui que são tranquilos, tem até um aí que é bonitinho, conversa com a gente”. Neste mesmo dia de campo, o policial, entrou um pouco nesta questão, falando “...eu entendo que adolescência é assim mesmo, as meninas ficam se exibindo, só falam de namorado, falam muito alto, já vem para o recreio fazendo um alvoroço só!”.

O discurso dos professores e outros funcionários é mais homogêneo. Para muitos professores, a presença dos policiais nas instituições garante, de certa forma, uma maior segurança para todos. Principalmente para os que temiam estar na escola, agora possuem um maior confiança em ir trabalhar. Uma professora me contou que por diversas vezes pensou em abandonar a sala de aula, devido à violência na escola, um professor também destacou: “A PM se faz necessário devido escolas daquele tipo, situada em um lugar perigoso, que atende esse publico específico, a maioria dos alunos são moradores de comunidades, muitos não respeitam o professor, e essa policia mais humanizada, irá demonstrar uma nova face dos policiais, diminuindo os nossos preconceitos.”.

Para a direção das escolas, a grande maioria dos alunos não teve problemas com eles, ao contrario, estão sendo de grande valia, deixando o local mais seguro. Nessa ESCOLA II, nunca teve nenhuma “ocorrência grave” (ao menos foi o que me informaram), “apenas separação de brigas entre alunos, e atendimento ao chamado de professores quanto a alunos indisciplinados.” Podemos perceber que o policial age muitas vezes como um inspetor da escola, pois um policial mencionou que até colocar turmas pra dentro de sala ele já fez.

Conversei com alguns policiais. Há um treinamento especial para esse trabalho mais humanizado, para defesa do patrimônio (espaço físico da escola) e a todos que ali estão. O trabalho é feito em horário de aula e quando não há mais aulas. Eles dizem que gostam de estar ali, mas que “os alunos são muito abusados, até mexer comigo essas meninas já mexeram”. “Nunca presenciei nada grave não, mas em escolas aqui próximas muitos colegas meus, já tiveram varias ocorrências mais sérias. Pra mim vale a pena vir, é um extra né? E não é tão pesado assim”.

Foi percebido mais uma vez, que a fronteira invisível ao mesmo tempo que densa, criada entre as ESCOLAS e o que têm pra além de seus muros, onde até o sinal da escola assusta os alunos, muitas impressões são percebidas e reproduzidas lá dentro. Com a PM não foi diferente, entre na escola junto com o policial e apesar da grande maioria das pessoas ali presentes já me conhecerem, o olhar sobre nós já foi diferente. O policial com toda sua vestimenta e *ethos*, reiterando a todo o momento também ali dentro. Os policiais, dizem que os próprios pais influenciam negativamente os alunos, mas que quando precisam todos se lembram da polícia, nem que seja para culpa-los. (Neste fala do primeiro policial entrevistado, percebi como um desabafo de quem se encontra decepcionado com a imagem que a sociedade tinha sobre eles). Percebemos que as formas de sociabilidade, os acontecimentos, a cultura, a geração dos atores, bem como as influencias externas influenciam significativamente na “vida” das escolas.

Capítulo III

O PRAZER

Para a produção deste capítulo, teremos como atores principais no grupo dos estudantes, o Juninho e o Bernardo, da ESCOLA II e I, respectivamente e dos professores a professora Rita (que leciona português/ redação) e o professor Diogo (que leciona biologia), e quando for necessário farei menção a outros docentes e discentes. Como já decifrado os encaixes das peças – palavras-, no jogo que até o capítulo anterior, era esse trabalho. Vamos falar sobre algo mais sensível e PRAZEROSO que percebi nas escolas, pois não há só situações obscuras nesse local, há também relações que iluminam e faz com que muitos dos atores aqui estudados, permaneçam de forma feliz e não só pratica, nesses locais. Traçaremos também recortes de algumas vivencias que fazem os alunos retornarem no dia seguinte, além de obrigatoriedade.

Logo que me percebi fazendo campo em uma escola estadual, o que saltava aos meus olhos, eu tentava entender de acordo com as teorias as quais tinha aprendido na graduação em de Ciências Sociais. Então fiz uma tentativa de liga-las ao que ia sendo aos poucos suscitado no campo. Percebi algo muito naturalizado e até irreversível na visão de alguns professores, são os diversos problemas e conflitos vivenciados, chamados de problemas “estruturais da escola”, como escutei de uma professora, para outros atores não são maiores do que a educação.

Contudo, nas ESCOLAS também foi percebido que o prazer é parte constitutiva das relações. Assim, há a recuperação no sentido do valor e prática da escola, com a quebra de paradigma de que a escola não tem jeito, ou não faz mais sentido. Os exemplos de que as relações podem ter um propósito mais construtivo e criativo a defesa da igualdade, é o respeito às diferenças, por exemplo, – no sentido de respeito à vestimenta do aluno e do professor, as músicas, a forma de falar, as diversidade no geral– , como percebido no campo. Quando o convívio é respeitado por ambos, sobressai o prazer e não o conflito. Sobressai o fazer sentido a trajetória escolar, mas de maneira relativizada, e não engessada.

3.1 A diversidade do Prazer

Mesmo com os sujeitos tão diferentes entre si, são construídas as relações de prazer, de afeto, de engajamentos nas escolas. O aluno Bernardo, por exemplo, possui a personalidade diferente do Juninho – mais expansivo conhecido por todos na escola, “sem vergonha”, como foi descrito pelos professores e colegas –. O Bernardo é mais introspectivo, mais calado, apesar de também possuir boas notas e ser um dos poucos bem visto nos conclhos de classe, de ser “conhecido” por muitos na escola em que estuda, ele prefere “ficar mais na dele”.

O professor Diogo, possui um “estilo” mais moderno, anda com roupas mais “descoladas”, possui os celulares semelhantes aos dos alunos, têm um jeito de falar quando se faz presente em sala, e outro fora. Gosta de lecionar, se prepara para suas aulas, é jovem e possui também possui carreira acadêmica. Já a professora, tem mais ainda uma relação de proximidade com os alunos, eles dizem “amizade”; “Ela é como se fosse uma mãe pra nós.” Só de estarmos no mesmo lugar que esses atores, já percebemos o envolvimento que eles possuem. Ela detém mais idade, mas é “conectada”, possui redes sociais, brinca e auxilia as aulas por esse meio, não possui uma forma de se vestir exorbitante, é bem simples, e também possui vivencia acadêmica, com muitos convênios e projetos.

Há professores, como professor de sociologia, da ALOCSE II, que não se assemelha muito ao estilo do professor Diogo, mas é “muito brincalham”, os alunos aprendem em suas aulas, e é também considerado pelos mesmos, como “um dos que eles mais gostam”. Somente com a descrição dos alunos, percebemos que os professores, apesar de se diferenciarem na idade, sexo, e “estilo” de se vestir, lecionar e falar. Todos eles são carismáticos, não condenam a realidade dos alunos, de tecnologia, e gostos musicais, vestimentas, entre outros, mas se utiliza disso, e possuem uma relação próxima, prazerosa para ambos os atores, fazendo os alunos passem a gostar ou prestarem atenção nas disciplinas que esses professores lecionam. A relação professor/aluno, interfere no prazer que sentem com certo professor, em certa disciplina.

Um estudante da ESCOLA I menciona sua mudança após ser inspirado por um professor e sobre suas expectativas para o futuro:

“Sempre fui bem na minha, não tinha muita paciência para escola, mas aprendia bem as matérias, mas não ligava pra estudar. Mas depois de um conversa com um professor, que considero um pai, percebi que podia ate pegar um diploma, mas se eu não estudasse de nada valeria. Tenho aula com ele até hoje, mas ele que me fez mudar como pessoa e aqui na escola também, ele disse que falavam bem de mim no conselho de classe e que não valeria a pena eu ir para o caminho errado. Que eu já ia entrar no ensino médio, que eu tinha que saber o que eu queria pra mim, ai eu comecei a estudar, comecei a estudar..”. Esse ano eu acabei gabaritando várias provas, mas eu não faço só isso, tenho meu artesanato tranquilão, quando eu to sem fazer essas coisas, to no meu fone, escutando minhas musicas. Quero fazer a faculdade de biologia, nutrição ou também psicologia. Eu tenho a noção de que se eu fizer biologia, eu não quero, mas se eu virar professor, vou ter que me impor como professor, e também como amigo dos alunos. Se um dia não der certo, e eu tiver que trabalhar de inspetor, eu vou ter que por ordem, para o pessoal me respeitar. Se um dia eu tivesse que ser diretor de uma escola eu seria, não tenho medo de aceitar propostas. Mas ai com certeza a escola seria outra coisa, na medida do possível é claro porque eu não poderia trocar as regras que vem do governo. O que eu nunca faria, era entrar na politica, não entraria. Porque eu imagino que nem todos que são corruptos fazem porque entraram assim, acho que como na cadeia, ou eles saem ou eles entram na corrupção. Porque o sistema e tão grande porque não tem como, só olhar o Brasil. Como que 50 mil, mandam em 500 milhões?!”. Enquanto conversava comigo, fazia uma pulseira artesanal. (Bernardo, nov., 2013)

Transcrevo essa conversa com o adolescente, porque ao analisar sua fala, podemos verificar o que aqui foi mencionado. Desde a influência, nesse caso positiva de um professor na trajetória escolar e individual de um jovem, como também, a postura de um professor, muitas vezes influencia no gostar ou não da disciplina, como por exemplo, as muitas reclamações nas aulas de sociologia, de uma das escolas observadas, reclamações do professor, do tempo de aula, sobre a matéria, sobre a estrutura da sala, pedindo para os estagiários “darem aula”, no lugar dele, etc. quando os alunos não gostam tudo é motivo pra reclamarem anda mais.

Os professores acabam influenciando também na profissão futura dos mesmos, como no relato. Os alunos são múltiplos, então aqueles mais tímidos, mais quietos, ou que considerados por muitos professores, “que não têm jeito”, muitas vezes um olhar mais de perto, favorece acaba favorecendo o ensino- aprendizagem. Bem como, conseguimos perceber nesta fala anterior , que apesar do professor querer ter um olhar mais próximo ao aluno, muitos alunos, principalmente da ALOCSE I, acredita que é necessário, a ordem na escola, bem como dentro de sala, para alguns é necessário que o professor “não deixe correr solto”, já outros não concordam com isso.

Quando é percebida a relação de prazer nesses espaços, a educação se torna mais efetiva, pois o professor que possui prazer em sua profissão, ao ter sensibilidade de uma conversa com um dos seus alunos, consegue influenciar positivamente seu aluno, passando a existir neste caso uma reciprocidade positiva, pois o aluno por sua vez agora tem um sentido de ali estar, de uma razão para estudar. Essa reciprocidade positiva foi muito apreendida na relação entre alguns alunos e professores. Eles conversavam, combinavam as regras, não existiam proibições, mas sem deixar de existir ordem, e com isso as relações entre eles, bem como a aula, fluíam. São vários os exemplos dessas negociações: como a hora que pode usar o celular, o escutar músicas, a forma que esta posicionada as carteiras, a forma de avaliação, entre outros. Vale ressaltar que quanto mais há proibições, sem explicações, mas o adolescente vai querer “causar”, “... se chega aqui se sentindo dono de mim, aí mesmo que abuso. Se pedir direito eu obedeco, mas ele é muito abusado professora”. (Vanessa, segundo ano da ALOCSE I, sobre o professor de sociologia).

Não sei esta sendo mais agradável escrever, ou ter observado os sorrisos, interações, sociabilidades diversas no campo. Analisar diferentes *redes*: “galera da quadra” e a quadra, a célula, “os meninos que fumam”, os namoros, a festa, a manifestação, os eventos de poesia e desenho, as boas aulas e passeios, pais nas escolas, bem como o meu prazer de estar no campo para a pesquisa e o estágio docente. Essas questões talvez já tenham sido percebidas já neste trabalho, mas que aqui podem ter múltiplas perspectivas, umas delas é que o prazer é um grande aliado no processo de ensino aprendizagem.

3.2 O prazer para os alunos nas escolas

Conheci um aluno, que estuda há anos na escola e com isso, ele se sente muito familiarizado com as pessoas e os ambientes, mas diz e demonstra em seus atos que ele vai à escola devido aos seus amigos, à socialização estabelecida ali. Mas que não é devido ao ensino que ali lhe é proporcionado. O mesmo vai de sala em sala, assiste e participa das aulas, fica pelos pátios, na quadra ou em sala conversando. Não é considerado “um dos piores alunos” pelos professores, mas, por se sentir “muito à vontade” (como menciona a diretora), acaba por causar conflitos com a coordenadora e alguns professores. Para ele, fazer isso é sinônimo de prazer, viver e transitar na sua

ESCOLA. Ele se sente em casa, transita pelos os espaços, fala com as pessoas e, apesar de ser tão disperso nas aulas e ter repetido o ano, não é considerado pelo professor de sociologia da ESCOLA I como um aluno ruim. Percebi que os seus olhos brilham, sente-se feliz na sua função de “líder” no seu grupo de amigos, pois os alunos que se destacam, seja porque possuem boas notas, seja como neste caso, eles possuem representatividade nesse local, sua namorada também estuda no mesmo colégio, e diz: “Já estou cansada de falar pra ele sossegar dentro de sala, mas não adianta não “fessora”, ele gosta é disso aí, passear pela escola”.

É no mínimo curioso, um aluno que escolhe as aulas na qual quer se fazer presente, seus laços de amizade são tão fortes ali, que mesmo que a sala não seja a dele, ele fica na mesma, se ele gosta da aula e do professor até participa da aula mesmo aquela turma não sendo a dele. Muitos professores não concordam com isso, outras já até acostumaram, citando-o até como exemplo de algo em sua aula. Apesar de muitos alunos ali dizerem em seus discursos que não vêm a hora de sair dali, percebi que para muitos a ESCOLA, apesar dos problemas estruturais, é um lugar de refúgio, é um local de segurança, ainda mais para os que ali já se sente familiarizados.

Em primeira instancia podíamos pensar que esse caso deveria estar no capítulo do conflito né?! Mas como é o proposito desse trabalho desconstruir, iremos olhar por outra ótica, a do aluno, a do prazer, pois o Juninho é tão importante ESCOLA II, para seus alunos, funcionamentos, dinâmicas de conversas, risadas, futebol, como o Bernardo é na ESCOLA I.

3.3- O prazer para os professores

O professor de sociologia da ALOCSE I, mesmo com tudo que já foi mencionado no capítulo anterior, quando possui “brechas” nos conflitos, ele incentiva os alunos a progredirem, a melhorarem, dava dicas de profissões futuras, a forma de estudar para passarem de ano. Bem no final do campo, esse professor que era muito criticado e desrespeitado, entregou uma nota a uma aluna e a fez um elogio, ela o abraçou disse que gostava dele, da disciplina. E ele com muita alegria e um brilho no olhar que quase nunca o via, me disse: “É isso tipo de coisa que paga tudo, que faz com que a gente continue”.

A professora Rita e alguns professores possuem em suas aulas, o que chamo de a metodologia da amizade. Com isso, tudo é conversado com os estudantes e as turmas consideradas “difíceis”. Essa “metodologia da amizade”, não significa “forçar” ser amigo do aluno. Em alguns casos, alunos e professores serem próximos acontece de forma apropriada. Essa metodologia não quer dizer que o professor “tem que ser” amigo de aluno, não é dessa forma, quero dizer que a sala de aula é uma relação, para isso a didática do mínimo respeito mutuo se faz necessário para ter sentido o processo de ensino aprendizagem.

E devido a isso os alunos, muitas vezes apesar de não quererem ir pra aula, por exemplo, passam a ir, em consideração com as professoras. As suas aulas possuem vídeos, passeios pela cidade, viagens a outras cidades. Elas utilizam de celulares e situações da realidade dos alunos para conduzirem e aprimorarem suas aulas, como o facebook, whatsapp, entre outros. A professora Rita além mencionar sobre o tema da aula, ela me disse que também “brinca, zoa, faz aniversário surpresa para os alunos”. Com isso os alunos se comportam de forma diferente com a mesma, por muitas vezes verem seu esforço de querer ser uma “boa professora”.

Ela menciona em sua entrevista sobre a dificuldade em fazer uma “aula diferente”. Isso é importante, pois não só os estudantes, mas seus responsáveis percebam o envolvimento e a funcionalidade dos adolescentes nas ESCOLAS. Essa mesma professora desabafou, falou que estava cansada de escutar os alunos reclamar de outros professores. Ela sempre tenta fazer algo de diferente, mas são raros os professores que desejam trabalhar em conjunto, bem como, muitas vezes não há na escola subsídios para que isso aconteça. Por essa razão ela possui convênios com universidades, mudando um pouco a roupagem da escola. Ela conta isso muito feliz, mencionando sobre um dia em que fez um “café literário”, em que alunos participaram, com poesias, encenações e danças. E ela disse:

“Foi lindo, eles amaram, todos ansiosos e depois felizes por estarem participando, eles se sentiram importantes, sabe?! E aprenderam, e eu fiquei mais feliz ainda (...) mas uma coisa que não faço mais é viajar com eles para muito longe, fui eu e um professor, menina eles ficaram loucos lá, ficaram igual pinto no lixo, mas demorou muito, furou o pneu do ônibus, tive um grande prejuízo do meu bolso, mas ainda assim eles gostaram. E eu não resisto, é o que gosto de fazer.” (Rita, setem, 2014).

Neste caso, percebemos que muitas vezes o comprometimento com o ofício, juntamente com a paixão, faz com que se evite a acomodação. Muitas vezes a escola

não possui espaço, meios, verba, entre outras coisas, que possibilitem uma nova forma de ensinar, de olhar especificamente cada turma, cada aluno, mas com muito esforço e competência, algumas vezes isso ocorre e possui um grande efeito positivo nas ESCOLAS observadas.

Nas falas de muitos professores pesquisados está presente a gratificação de ver seus alunos melhorarem em algo que tinham dificuldade, em passar de ano, ou encontrar com eles nas ruas e perceber que estão bem, trabalhando, fazendo uma faculdade. Isso nos demonstra que apesar de muitas vezes nesse trabalho termos percebido tamanho descaso um para com outro, aqui percebemos o verdadeiro sentido do educar.

O professor que mais os alunos “curtem”, era o mesmo em ambas as ESCOLAS. Os alunos falavam que eu tinha que entrevista-lo, e foi um pouco difícil o encontro, pois quando ele estava em uma escola, eu estava na outra. Mas quando enfim conseguimos, a entrevista gerou boas questões. Ele mencionou dentre outras, sobre as avaliações que eles são “obrigados” a aplicarem, tal qual o professor de sociologia da ESCOLA II, diz não concordar com a forma de avaliação, pois ela excluiu a muitos. Ele diz que se um aluno tirar uma nota ruim isso não quer dizer que o mesmo seja um mau aluno. Isso me levou a pensar que já que o método de avaliação dos alunos é a prova, trabalho e teste, na maioria das vezes, caso eles “vão mal”, o professor também pode estar “indo mal”. Pois a avaliação também é do trabalho dele, apesar de muitos não se avaliarem desta forma.

Para o professor Diogo: “Atualizo meu conhecimentos, me deixa mais jovem”. Isso faz com que suas aulas se tornem mais palpáveis e os alunos se concentrem nas mesmas. Sobre a profissão, ele menciona que apesar dos baixos salários, da falta de valor de alguns alunos e dos pais atribuírem à educação escolar, ele continua e tenta fazer a parte dele. Ele menciona, bem como os outros professores entrevistados, que há uma grande diferença entre escola particular e pública, em vários sentidos, mas que é algo geral a falta de respeito dos alunos.

O professor menciona que tudo que puder fazer para aproximar a relação ele faz, há colegas que não concordam com ele, como por exemplo, aceitar alunos em redes

sociais, entre outros. Acredito que uma atitude de aproximação para que aula fluía minimamente bem, é pertinente, quando se separa o pessoal do profissional. Quando menciono aqui, sobre a “metodologia da amizade”, não quer dizer que a professora virará mãe dos alunos, mas que haja um respeito entre ambos para conviverem nas ESCOLAS, como já mencionado anteriormente. Pois neste caso do professor Diogo, ele menciona algumas dificuldades que poderiam gerar somente conflitos, mas no final gera prazer.

Outro professor que é muito querido pelos alunos é o Carlos (de sociologia, como já mencionado anteriormente), mas que, curiosamente, possuiu uma didática diferente em sala de aula. Em sua entrevista, ele possui um discurso sobre a liderança em sua vida pessoal, bem como em sala de aula. Este professor diz que em sala ou você possui o poder ou ele se concentrará nas mãos de algum aluno. Esse também utiliza o método tradicional em sala de aula, bem como acredita que o nome professor já possui autoridade, e os alunos possuem grande carinho por ele.

Com esses professores percebo o quanto há prazer em ali estarem, cada qual com sua forma de lecionar, como isso reflete na forma de tratamento com os alunos, respeitando se o aluno é introspectivo, ou mais agitado, ou esforçado, mas ainda assim não alcança boas notas, percebendo cada um dos alunos. Esses professores possuíram sensibilidade de perceber que é necessário um novo comprometimento no meio escolar, mais computadores funcionando, mais esportes, mais eventos, mais laboratórios, mais aulas. E esses tentam fazer com que isso ocorra, mas não de qualquer forma, não só por fazer. Com isso percebo que, por mais que sejam poucos, existem professores que percebem os estudantes como jovens, enquanto a própria escola muitas vezes não os percebe nem como alunos.

3.4- Um lugar dos estudantes

A Quadra das ESCOLAS, que no capítulo anterior percebemos conflitos e disputa de poder com os professores, agora é sinônimo de alegria, de risadas, intimidades, e diversão dos estudantes. Muitos se sentem a vontade neste espaço, mais do que em toda a escola, mas não só porque esse é o espaço em que há as festas,

campeonatos, aulas diferentes, entre outros, mas porque muitos deles possuem uma relação de aceitação, pertencimento na quadra, onde eles se sentem mais livres. “Rapaz eu gosto daqui porque eu posso ser eu mesmo”. (Jhefersson, maio, 2014).

Como mencionei no início do trabalho, quando os alunos me levaram para conhecer a escola, a partir do olhar deles próprios, ao chegar à quadra, logo percebi que aquele era lugar espacial para eles, pois era um lugar particular, no todo que é a escola. Pois ali concentrados estavam representantes de todas as *redes*, mesmo que fora daquele espaço existam divergências. As pessoas sentadas no chão, em cadeiras, em pé. Meninos e meninas, de diferentes idades, turmas e turnos. Não vou repetir a descrição que já foi feita neste trabalho, mas a quadra para ambas as ESCOLA, principalmente a I, não é somente um lugar de se praticar esportes, mas demonstra suas sociabilidades, seus conflitos, suas multiplicidades. E simplesmente por eu estar ali, por ter ido até eles, naquele lugar, por ter pedido para eles me contarem sobre a quadra, o que ela significava a eles, eles sentiram uma grande empatia por mim: “Aí você tem que dá aula logo, gostei de você, sua aula deve ser legal” (Jessika, maio, 2014).

A quadra não é um lugar aonde os estudantes vão, só quando têm algum evento específico, lá é como se fosse um local de “refugio” à muitos deles, eles se fazem presentes a quase todo o momento. No intervalo das aulas, muitos vão para lá, porque seus amigos estão ou porque desejam encontrar algum(a) “ficante”. Mas eles são guiados até este espaço pelo lazer, pelas amizades. Todos os grupos estão na quadra, é um local onde agrega todos, para eles estar lá é uma “oportunidade única”. “.. Por mais que a gente marque de sair, lá fora nunca vai todo mundo, aqui sempre tá todo mundo, é legal!” (Fernando, mai, 2014).

Outro aluno mencionou:

“Têm aula que eu não gosto aí venho pra cá sempre têm uma menina, uma bola pra jogar, ou a gente fica aqui pegando um vento e conversando mesmo. Às vezes nem tenho aula, mas venho aqui, pulo o muro na hora do intervalo ou fico aqui na escola, só pra vim pra cá”. (Arthur, mai, 2014).

A quadra agrega, mas a evidências estão naqueles que são considerados “os tops”, como eles mencionam, nas redes sociais, estão presentes os acontecimentos da quadra e vice-versa, mais uma vez, conseguimos perceber que é na quadra onde eles “conseguem ser eles mesmos”.

Em contraponto, existem os alunos que gostam de ir a quadra, mas preferem a biblioteca, por exemplo, onde lá estudam, leem livros, pegam livros emprestados. “Já estou no meu terceiro este ano, não tinha o hábito de ler não, mas depois das aulas de Literatura, descobrir que podia pegar livros aqui, e agora venho aqui direto. Aqui é o lugar que mais gosto de ficar, às vezes até esqueço que estou na escola”. (Bia, março, 2013).

São nas diferentes realidades que os diferentes estudantes sentem prazer, sentem-se bem nas ESCOLAS, por mais que muitas vezes muitos deles nem pareçam estar ali. Algo que me chamou muita atenção que há nas escolas é que esses lugares muito frequentados pelos estudantes, não há muitas atividades relacionadas a aulas nesses espaços. Enquanto estive na quadra a todo o momento pensava o motivo pelo qual, aquele espaço não era apropriado por outros atores da escola, para uma aula, um evento que tivesse a “cara” dos que ali frequentam. Para eles ali possui um *ethos* diferente, dos *valores*, que a esses lugares são atribuídos pelos outros atores presentes nos colégios, para esses sobressai o *estigma*, e não a socialização, e não o que suscitado nesses locais.

3.5- Hoje é dia de Festa

Neste tempo de campo, o único momento em que vi alguns desses jovens felizes foi em dia de campeonato de futsal ou realmente em algum evento escolar, em que também se configura uma das poucas vezes que vi todos os funcionários da ESCOLA, os professores, responsáveis dos alunos em função de algo. Isso enfim aconteceu com particularidade na Festa de Halloweim, da ESCOLA II, que já é uma festa que é uma festa de tradição para eles, mas que no ano em que eu estava presente, não haveria a festa, e muitos alunos esperam pela mesma durante todo o ano. Com isso o Juninho, que também diretor do grêmio da escola, juntamente com a comunidade escolar, descrita anteriormente, “fez com que a festa ocorresse”.

“Foi o grêmio, que arregaçou as mangas, e fez tudo, a gente só auxiliou mesmo, mas se não fosse por eles não ia ter nada. Os professores também ajudaram muito, com as comidas e ainda vão trabalhar na festa, nas barraquinhas. Toda a ornamentação,

que esta linda, foram eles também que fizeram tudo. Ainda bem que aconteceu essa festa têm alunos e pais que passam o ano todo esperando por ela. Por isso os pais vem sim!” (Fabiana, outub, 2013) .

Esta fala da diretora da época, a qual era muito querida por todos, demonstra a atitude dos alunos, em produzir na escola, algo que possui a “cara deles”. E como que essa “permissão”, junto com o auxílio de toda escola, faz com que os estudantes se sintam pertencentes e ativos.

Na semana da festa os alunos estavam muito ansiosos, conversavam sobre quem ia, sobre como iam se vestir, sobre como dançariam, e a grande angústia, sobre quem iria receber a faixa de Rei e Rainha da escola. Com isso quando cheguei à festa, tinha segurança, uma senhora na portaria recebendo quem chegava, e eu cheguei mais cedo para observar tudo, quando fui para o segundo pátio, estava tudo muito bem arrumado com o tema da festa, desde as bebidas – a qual a barraca ficou por conta dos alunos – , as comidas – que ficaram na responsabilidade dos professores – e toda a quadra onde ficou a pista de dança e tapete vermelho para os desfiles. Aos poucos iam chegando, professores, familiares, alunos. Percebi quanto era importante, para os alunos, serem vistos sem aquele uniforme, que os enquadravam. Dessa forma, sendo autônomas na vestimenta, as alunas chamavam ainda mais a atenção dos alunos, e também das outras meninas.

Apesar de muitos ali me conhecerem me fiz o possível para ficar “invisível”, até a hora que a diretora me deu a função de fotografar toda a festa, ainda assim percebia que a festa estava muito bem organizada, com patrocínios, mesa de jurados com brindes, e prêmios aos vencedores, teve apresentações de dança, com os alunos da ESCOLA, e o Dj que também era estudante daquele local. Não houve proibições quanto a músicas, vestimentas, estavam todos muito felizes e principalmente os familiares dos que desfilaram. Ou seja, um evento de grande importância aos alunos, onde todos se interagem ainda mais, em um ambiente que por muitas, esses diferentes atores tendiam a não se relacionar, muitas vezes naquela noite, ocorria nos interlocutores – professores e alunos – *esquecimento*, de onde estavam.

Diferentemente para Juninho, mais uma vez ele demonstrou que estava “em casa”, onde tudo era resolvido por ele, bem como era o mais empolgado com a festa. Ficou na barrquinha do grêmio, se apresentou com o grupo de dança. E se demonstrava muito contente com tudo que estava se passando. O desfile era apresentado por um

professor e a mesa de jurados era composta por diretoras, bailarina, blogueira, fotógrafo e estilista. Era muita importância depositada em pessoas que quase não eram vistas no dia a dia desta ESCOLA. Essa festa foi uma redefinição, mesmo que de uma noite, em vários âmbitos da ordem escolar, que tiveram consequências ao longo dos dias, que ultrapassaram aquela noite. Com Shorts curtos, Funk em som alto, jovens se beijando, tudo que antes eram *estigmatizados* pelos membros da ESCOLA, neste evento foi permitido. Ninguém reclamava dos gritos, zuações, que se faziam presente no ambiente, principalmente quando os estudantes/modelos desfilavam. Aquela noite era “a noite deles”. Onde eles podiam falar e agir, que não havia repressão, nem olhares *estigmatizastes*.

3.6- “A hora da entrada e da saída é a hora mais legal”

Os estudantes como mencionei, passam por muitas dificuldades até chegarem nas ESCOLAS, no primeiro dia de estágio na ESCOLA II, pensei que fosse me perder no caminho. Mas no ponto de ônibus em que eu estava tinham muitos alunos com o uniforme da escola qual eu tentava me direcionar, e peguei o mesmo ônibus que eles, e desde daquele momento passei a observá-los no trajeto escolar. Ônibus em péssimas condições, lotados, poucas linhas fazia o trajeto e, para piorar, muitos motoristas fingiam ver o estudante de escola pública fazer o sinal para o ônibus. Quando enfim os alunos conseguiam entrar, o ônibus ficava muito cheio. Vou confessar que eu já chegava cansada do esforço que era feito, pela manhãzinha até chegar ao destino desejado, que dirá os alunos e professores que também faziam o mesmo trajeto.

3.7- Um grupo de fé

Algo muito percebido nas escolas foi às frases de incentivo e as que mencionam sobre fé. Muitas vezes parecia que estávamos em um colégio cristão, pois havia imagens de Nossa Senhora, crucifixos, retratos do Sagrado Coração de Jesus, espalhados pelo pátio, na sala dos professores, secretaria e direção. E por ser uma instituição pública, não ocorria problematização em torno dessa questão.

Um grupo de estudantes levou-me a conhecer outra vertente desse *campo* e demonstrar que a particularidade dessa *rede* também se faz ativa nessas instituições, foi quando me convidaram para ir a “Célula da escola”. Células são grupos de alunos de

diversas turmas e até mesmo de regiões morais distintas, que se reúnem algumas vezes na semana durante o intervalo, onde os mesmos com muita alegria tocavam músicas, “louvores”, e tinha um aluno que lia a Bíblia e falava um pouco sobre a “passagem” e todos “oravam” juntos. Todos saíam de lá bem felizes, e diziam gostar muito de estar ali, que o grupo estava crescendo. Alguns professavam uma fé, mas muitos que iam, não, mas diziam que preferiam estar ali, naquele momento, do que ficar fazendo o que sempre faziam. Perguntei se eles já tinham tido algum problema com alguém do colégio por causa da célula. O “líder” me respondeu: “Não, eles acham que é melhor que a gente fique orando do que fazendo coisa que não deve”. Isso faz que haja um diálogo entre as diferentes regiões morais, e que todos falam com muita alegria sobre a chamada Célula.

3.8- A arte nas ESCOLAS

Em ambas as ESCOLAS existem uma forma de manifestação artística, não vou aqui problematizar o que é ou não arte, mas mencionarei o que é expressam dos alunos nesse meio, e o que para os mesmos é considerado arte. Seja na arte dos desenhos espalhados pelas paredes das salas, seja no festival de poesia, a todo o momento é percebido um grupo de pessoas sentadas em roda cantando, tocando violão. A todo o momento tem alguém dançando, fazendo artesanato, uma rodinha com os “meninos do passinho”, uma dança de funk oriundas de regiões periféricas, dançando e rimando, fazendo vídeos, onde tudo isso rompe com os muros das escolas, através dos grupos nas redes sociais e das influências de fora para dentro a escola.

O jovem Caíque, aluno do primeiro ano, me chamou atenção, por fazer vários desenhos bem humorados, caricaturas, desenhos críticos, os próprios estudantes o reconheciam como “o artista da escola”. Ele é um aluno muito tímido, de poucas palavras, mas que já tinha traços de um profissional no desenho. Ele mencionou muito alegre que já havia feito uma exposição em um evento na ESCOLA, que ia participar de um concurso na cidade.

As redes sociais também são sociabilidade de prazer, pois dentro e fora das ESCOLAS, são muitos assuntos sobre a mesma, sobre algum acontecimento de dentro ou fora da escola, essa instância virtual, é um local que gera também interação e/ou segregação dos interlocutores no geral no meio escolar.

3.9 - A Manifestação

Sobre a Manifestação também já mencionei no capítulo anterior, com isso não vou novamente descrevê-la em detalhes. Mas vou mencionar o volume efetivo que há quando há a união entre professores e alunos, gerando prazer nas escolas. Esse novo *evento*, foi todo pensado e articulado pelos alunos e apoio por muitos professores. Gerando valor a essa autonomia e atitude tão pertinente desses jovens.

Muitos se sentiram como sendo *cidadãos* de fato, ajudando o outro e a si. Buscando melhorais para toda ESCOLA. As alunas “gritaram” por algo que era de seus direitos, mas que não havia. Além do “paredão”, onde alunos não entraram para as aulas, os membros da ESCOLA, perceberam a força dos alunos, a seriedade e valor que há neles.

O ato de configurar cartazes, de ir realizar o depoimento na SEDUC, o ato de ir contra a professora, fez com que mais do que prazer, essas alunas se reconhecerem daquele espaço, reivindicando o melhoramento da mesma, “Agora sei que também podemos, só assim para alguém escutar a gente. Porque aqui ninguém leva aluno a serio não. Me sentir poderosa {risos}. Não, mais serio mesmo, agora a gente até vai ficar se reunindo toda semana para falar dos problemas da escola.” (Paula, aluna do terceiro ano, dezem, 2014).

Neste capítulo o qual sentir muito prazer em observar e escrever, proporcionou um grande conhecimento sobre o ofício do professor, fazendo suscitar temas e metodologias para aulas, compatíveis aos interesses dos alunos, pois tentei percebê-los de perto. Percebi também que a escola e relações ali presentes, pode também surgir prazer a esses atores, fazendo com que haja funcionalidades neste ambiente.

Capítulo IV

UM OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES NAS ESCOLAS

Como podemos perceber nos capítulos acima tratamos prazeres e conflitos, sendo percebido o poder em cada um deles, no ambiente da escola. Acredito que muitos de vocês estranhem também a estrutura deste presente trabalho, onde normalmente este último capítulo, estaria sendo o primeiro.

Dito isto, neste último capítulo, faremos então uma análise do que acima foi descrito a partir dos autores que auxiliaram este trabalho, mesmo que não sendo mencionados de forma direta, mas num sentido onde o *discurso não é puro*, percebido na Análise do Discurso.

Nesta pesquisa tive como os atores principais, os professores e alunos do ensino médio de duas escolas (bem distintas), e busquei saber qual é a representação que um tem do outro, o que um espera do outro. O que os professores esperavam das turmas, dos alunos, seus sonhos pessoais e sobre a educação a escola. Bem como saber o que os alunos esperavam dos professores, das aulas, da escola, da família e principalmente do futuro.

Com as observações pude perceber em que situações, com que “tipo” de professores e alunos se dão os processos de amizade e de afastamento entre estes atores. Com isso também pude identificar como é percebido e muitas vezes esperado um professor de sociologia, como os alunos lidam com a escola, com as regras e proibições da mesma. Algo interessante que esperava perceber, mas que me surpreendeu na forma que foi demonstrada até *simbolicamente* a questão do domínio e da liderança em sala de aula.

Como nas sociedades analisadas por MARCEL MAUSS (1974), se há nas relações a questão da *reciprocidade*, isso ocorre também nos *salas de aula ou casulos* – chamei de *casulo* em alguns momentos neste trabalho, pois muitas vezes é necessário que o aluno venha pra fora, possa voar, mas muitas vezes o próprio professor não permite isso e a sala de aula se torna uma prisão, um casulo, mas onde não possibilidade de transformação dos que lá estão – Seja em uma relação utilitarista – quanto à nota, ou acabar logo com a aula – seja na existência de conflitos – gerando vários bate-bocas, e

até agressões – seja em uma relação de amizade –alunos e professores tendo uma relação de companheirismo, se compadecendo dos problemas, dando incentivos para o futuro profissional e ambos se alegrando com o êxito de alguma das partes.

Em diversos momentos, ocorreu na frente de meus olhos o que menciona BOURDIEU (2007), a reprodução das desigualdades sociais. Com as observações que fiz, percebi que tanto para os alunos como para os professores, ao saírem da escola é como se a mesma fosse uma extensão deles. O professor, por exemplo, tem que trabalhar em casa, quando sofre algum tipo de agressão o sofrimento, a mágoa não limita somente ao espaço escolar. Bem como os alunos encontram com os amigos da escola, possui assuntos sobre os acontecimentos na escola.

Como em outros exemplos, percebo uma disputa muito grande entre esses atores, desde a disputa de atenção em sala de aula, do professor que quer explicar a matéria e do aluno “bagunceiro”, professor não pode mais reprovar o aluno porque além de discutir com pais, tem que discutir com a escola. Essa diminuição ou partilha de poder é simbólico, como BOURDIEU (1992), pois esse poder só é exercido se tanto os que exercem, quanto os que estão sujeitos a ele o legitimam. No caso da escola o *poder simbólico* passa a ser disputado, pois ambos querem desempenhar esta função. Se analisarmos de uma forma mais sensível perceberemos que toda a instituição escolar, possui uma forma de operar que também o *poder simbólico* se faz presente – como do governa que repassa as metas, o currículo, a metodologia, as proibições, as provas, os benefícios, o dinheiro – .

Alguns dos símbolos presentes na forma de falar, de se vestir, de que roupa, sapato, bolsa e principalmente celular, corte de cabelo, lhes atribuiu a uma rede, a um grupo de onde os símbolos, falam sobre eles. Muitas vezes lhe atribuem um valor simbólico, outras vezes lhe agregam estigmas. Podendo ser levantas críticas de outro grupo, tanto entre alunos quanto entre professores. Como por exemplo, no universo particular dos alunos em um dos colégios, a quadra é um lugar também de disputa entre as meninas para serem percebida pelos meninos “mais tops” da escola, como a *coqueteira* em SIMMEL (1905).

Mesmo os atores sendo diferentes, até na configuração de seus papéis de alunos ou professores, eles “vivem juntos”, na escola e nas salas de aula. GOFFMAN (1999) fazem-se então uma representação de si, para agradar o outro, ser aceito, ser visto. Ate

mesmo para se conseguir terminar uma aula, o que ocorre é o distanciamento dos afetos. E quando uma aula se torna mais próxima, menos hierárquica entre alunos e professores, tanto alunos como professores se surpreendem. “Viu hoje a aula fluiu bem, sabe por quê? Poucos alunos, os que perturbam não estavam, eu deixei elas escreverem a matéria no quadro, alguns alunos deram até exemplos de sua família, eu falei também da minha...” (Fala do professor de sociologia, após uma das poucas aulas que ele se sentiu bem em estar). Para GOFFMAN (1999) a representação de si, é o pacto que torna permite as pessoas viverem juntas, mas ao em muitas situações as quais presenciei nas escolas e que veremos ao longo da monografia, estar posta à prova o viver junto nas escolas.

O sociólogo GOFFMAN (2010), estuda as *interações face a face*. Com isso podemos pensar a escola também por ser um “lugar público”, utilizar de seus conceitos, para analisar a relações existentes em meu campo. Muitos alunos e professores, se enquadram, realizam um *ajustamento*, ao sistema escolar, enquanto professores, a representação do “eu-professor”, o *ethos* na forma de falar, se portar, sobre o que falar – um exemplo sempre presente, reclamar de alguma turma ou de alguns alunos específicos – . Bem como os usos de alguns utensílios, nas aulas de certos professores, o não prestar atenção e ir para a quadra, ou o estar na quadra, ter sido o aluno que esteve no mural de destaques, além de agregar um *ethos* a certos alunos, é também uma forma de ajustamentos. Bem como no final de ano, os pais comparecerem a escola, os alunos pedirem trabalho para obterem uma nota, entre outros. A sala de aula, a sala dos professores, e a quadra, são em meu trabalho o que GOFFMAN (2010), chama de *ocasião social*.

Nas escolas há muitas pessoas que se conhecem outras que não. Há professores que possuem relações próximas a alunos. E alunos, assim como professores, que não conhecem, não sabem que são os demais, devido aos mais variados motivos. Mas em uma sala de aula, por diversas vezes em uma das escolas pesquisadas, os alunos confundiam a professora de sociologia com a de filosofia. Mas ainda assim, sem saber o nome, e para alguns até de que disciplina era aquela aula, ocorria interação entre eles. Pois há um envolvimento linguístico, corporal, que pode ser mudado, de uma disciplina a outra. Nas aulas de sociologia da outra escola estudada, por exemplo, havia *comportamentos inapropriados*, na visão do professor. – onde existia uma determinada *ocasião social* –. O que se diferenciava das aulas de matemática, onde para a professora,

na maioria das vezes ocorriam *atos apropriados*, na visão da mesma. Pois a dinâmica, os comportamentos, a representação de si e da disciplina, era uma *ocasião social*, distinta da existente nas aulas de sociologia. (GOFFMAN, 2010).

Com isso percebemos que como os termos utilizados por GOFFMAN (2010), a *copresença*, o *ajustamento*, *porte pessoal*, têm influencia não só para o indivíduo, mas também em relação ao outro e ao ambiente. Por isso na escola deve-se se comportar de certa maneira ao estar dentro da escola, não fumar, não pular o muro, usar uniformes ,não ficar no pátio na hora da aula, espera-se que o aluno tire boas notas, que o professor tenha objetivos com sua aula, entre outros. E foi verificado em meu campo que muitas vezes o *porte pessoal*, por exemplo, tanto de professores e principalmente de alunos não diziam respeito a uma escola, pois seus atores não a percebem da forma que “deveria ser”.

Ainda utilizando GOFFMAN (2010), ele chama atenção para a expressão do rosto dos indivíduos, com isso acredito que seja pertinente ressaltar que a minha escolha metodológica quanto ao campo e as entrevistas, sendo semi-estruturadas, sendo entrevistas em profundidade com a maior parte dos entrevistados. Pois em uma entrevista, e estando com eles, criando uma rotina com os atores, vamos percebendo suas feições, e principalmente como são as reações após alguma pergunta, ou algum acontecimento. O que levo em consideração em meu trabalho. Em GOFFMAN (2010), a expressão do rosto dos atores, diz muito, podendo ser proposital, mas ao mesmo tempo não. Com essa atitude, por exemplo, poderemos aqui perceber que em muitos momentos na escola o *ajustamento* se faz presente, em outros os atores fazem questão de se “desajustarem”.

A *representação* do professor sério, que detém o “poder”, a ordem, que tem que estar vestido de certa maneira, de se comportar de tal forma para se aceitar em sala de aula. É um exemplo de representação de si, para os alunos, a escola – para os outros –. Essas *representações* de si para os outros, pode ser transparecida de forma em que o indivíduo acredita ser, então há uma crença no papel que este desenvolve. Muitas vezes em sala de aula o professor prefere ser dessa forma, para se ter o autocontrole (GOFFMAN, 1999).

Nas escolas existem diferentes *equipes* de professores e de alunos, quando me aproximo para conversar, percebo que estes fazem uma representação de si, de sua função. E muitas vezes, também para uma tentativa de se manter a interação social. O que mais percebi nos discurso dos atores era por à prova a atual função, a mudança da outra *equipe* (GOFFMAN, 1999). O conflito muitas vezes se dá quando alunos e professores, encenam papéis que não agradam.

Como foi muito recorrente nas aulas de sociologia em uma das escolas, em que a todo o momento, o professor encenava o papel de um homem que com o salário de professor não conseguia comprar o celular melhor, que a todo o momento reclamava dos alunos, demonstrava que não havia nenhum prazer no lecionar. Isso fazia com que os alunos, não se aproximassem dele. Porém esse discurso, só é legitimado, pela *encenação*. Pois quando entrevistei o mesmo professor, a encenação era outra e seu discurso também, até por que a plateia era outra. Não importando quem seja os atores, eles querem é impressionar quem os observa, sejam os alunos, quando entram na sala gritando com o professor querendo a nota o mais rápido possível. Seja o professor que falar para os estagiários – inclusive a mim – que iremos passar pelas dificuldades que ele está passando (GOFFMAN, 1999), como também já mencionado.

Percebo que muitas vezes, quando um grupo de professores fica somente entre eles, seja na sala de reunião ou nos conselhos de classe emergem falas do tipo, “Por isso que pra mim o ensino deveria ser igual antigamente, ali com a régua do lado, tipo o desenho do pica-pau”. Ou ainda, “Eu disse a ela que a mataria, se ela cumprisse a ameaça de me dá um soco.”; “Eles são perigosos, cada dia que passa fica mais difícil dá aula, por isso não gostaria que o meu filho se tornasse professor.”; “Sou grossa igual uma lixa mesmo com eles.” “Meu santo não cruza com o dele”. “Ele parece um docinho de cocô estragado”. São falas dos professores que muitas vezes parecem *desumanizar* (FREIRE, 2005) o aluno.

Essas falas e algumas atitudes, fazem com que os alunos se sintam segregados, como o caso do aluno que não se sentia à vontade na escola, e entre outros motivos resolveu não ir mais a escola. Com isso a forma de ajustamento dos alunos, são as configurações de diferentes redes, como a quadra, o grupo da dança, o grêmio, a turma dos “maconheiros”, entre outros. Tendo neste grupo como uma forma de se expressar,

de ser reconhecendo. Como me disse um aluno, “... lá na sala nenhuma professora gosta de mim, mas aqui na quadra as meninas vêm aqui, só para me ver jogar {Risos}”.

A *violência simbólica* (BOURDIEU,1992), percebemos quando mencionado sobre o conflito e o poder, onde percebi por diversas vezes que o medo de um para com outro, muitas vezes regia o comportamento em sala de aula, e na metodologia de aula, no comportamento de ambos os atores dentro e fora de sala. O medo da violência em si, contra o carro, por exemplo, a pessoa física. Faz com que alguns professores pesquisados estejam sempre alerta. Outro tipo de *violência simbólica* (BOURDIEU,1992), ocorre quando o professor acaba sofrendo por se enquadrar nas regras do sistema escolar (como aprovação de alunos que não deveria ser aprovados, o sistema de aprovação automática, quando o aluno já passou no terceiro bimestre por já ter alcançado tantos pontos). E também para os alunos que devem obedecer sempre a um conjunto de regras, devem entender sempre os conteúdos, aceitar uma metodologia de aula, de uma escola tradicional – uma arbitrariedade pedagógica –, sendo que essa esta longe de sua realidade.

Tive alguns exemplos nas entrevistas, que foi possível perceber que um aluno, mesmo não sendo novo em uma das escolas observadas, ele muitas vezes é percebido como *estrangeiro* (SIMMEL, 2005), não só pelos professores, mas também por outros membros da escola. Com isso percebo que o aluno pode ser *estrangeiro*, por ser novo na escola, ou por não se sentir daquele lugar, mesmo estando ali há anos. O *estrangeiro*, é aquele que sai de um lugar, vai para outro, mais ainda não se estabeleceu, vive como que em uma fronteira, de lembranças com seu lugar de origem, é um misto de críticas e vivencia do local, muitas vezes não se sente em seu lugar de origem.

Assim como o aluno que parece não estar em sintonia com a escola, pode passar anos, mas ainda assim ele não se estabeleceu naquele espaço, onde é feito muitas críticas as pessoas e ao lugar. “Já estudo a aqui desde oitava série, mas sei lá, só gosto daqui por causa dos amigos, mas me sinto muito deslocado aqui. Ano que vem já vamos sair daqui, aqui não pode nada!”. (Fala de um aluno do segundo ano do ensino médio).

Para GUIDDENS (2000), a sociedade, assim como o casamento, as relações, o sexo, a família vem passando por transformações que são difíceis e até perturbadoras. Percebo no meu campo que as transformações que vêm ocorrendo na escola também

são “perturbadoras” para muitos professores, que não aceitam ainda que o aluno tem voz, que os alunos não são homogêneos, que se negam aprender e a usar as novas tecnologias, que continuam achando assim como as famílias e escolas tradicionais educavam os jovens segundo seus interesses. Diferentemente de hoje os alunos, fazem paralização de um dia na escola, sem ajuda de nenhum membro da escola, pela busca de seus interesses. Percebi que na escola atual, ainda possuiu muitos professores, que acreditam que “o certo” seus alunos vivam como eles vivam quando estavam nas escolas.

Com o conceito *instituições-casca*, para GUIDDENS (2000) o casamento e a família, continuaram com o mesmo nome, mas há diversas configurações em seu interior. Como ocorre com as escolas. Continuem com o mesmo nome, e às vezes até com algumas leis similares, mas nela novas concepções dos atores ali presentes, que redefinem o “ser aluno” e o “ser professor”. Para ele em um *relacionamento puro*, há *comunicação emocional*, o que raramente há nas escolas, por isso há tanto desinteresse em ali estar e vivenciar, e gerando conflitos. Pois para ele o princípio de democracia, é levado aos relacionamentos.

Alguns professores relatavam que “Em uma sala de aula, ou você é temido, detém o poder ou algum aluno vai ter.” E acrescentou “...até mesmo em um relacionamento pessoal, um tem sempre um pouco mais de “poder” que o outro”. Percebemos que mais uma veze o professor, bem como aluno, sofre influências em seu ofício e que muitos não faz o distanciamento necessário –como em outro exemplo, o professor de sociologia, não utilizou de certos autores com os alunos, pois ele é de um determinado movimento social –. Será que há democracia nas escolas? Para isso era necessário confiança entre ambos os atores, o que as entrevistas demonstram é o contrário. Havendo ainda atores que tentam fazer a manutenção da coerção e do poder arbitrário nas escolas.

As ESCOLAS, muitas vezes se assemelhavam quando eram descritas há uma prisão, e não um local que em “tese”, seria pra trazer benefícios aos alunos, mas na realidade como chama atenção BOURDIEU , é um local de manutenção e reprodução das desigualdades percebidas na sociedade. Bem como para FOUCAULT (1987), em Vigiar em punir, é uma forma moderna do poder de julgar, com uma “nova cara”, por isso é necessário novos hábitos, novas sociedades na modernidade, bem como neste

tempo é necessário uma nova Escola e nova forma de ensino, como perceberemos ao longo deste trabalho. Pois para GOFFMAN (2003) em *Manicômios, Prisões e Conventos*, onde a ESCOLA é uma Instituição Total, pois possuem uma tarefa, que se perde, pois muitas vezes os estudantes, é percebido como um interno, e vivem as aulas como prisões, pois os funcionários os percebem, olham, tratam como se todos eles representassem perigo.

Pois como FOUCAULT (2001), e como presenciaremos ao longo deste trabalho, que muitas vezes para escola, para governo, é necessário aos alunos possuir *corpos dóceis*, e a sociologia que ajudaria, nesta “movimentação” contra esse adestramento para permanecer os moldes de vida escolar, muitas vezes não se faz presente, por diversos motivos, neste trabalho, perceberemos a falta de proximidade dos professores com os estudantes. As ESCOLAS observadas por muitas vezes busca o controle, mas por vezes esse controle burlado, pois a juventude possui uma grande subjetividade e por vezes tentam sequestrar, manipular, ideologizar a mesma, se utilizando dessa subjetividade dos alunos, para fazer manter o sistema vigente escolar. O corpo/mente podendo ser os alunos, como mais será exemplificado, os professores ou até mesmo a própria ESCOLA.

“... por meio dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai-se compondo e lentamente substituindo – o corpo mecânico – o corpo composto por sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem tanto povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo de operações específicas, que têm sua ordem, seu tempo, suas condições, seus elementos constituintes. O corpo tornando-se alvo dos novos mecanismos de poder oferece-se as novas formas do saber. Corpo do exercício, mais do que da física especulativa: Corpo manipulado pela autoridade, mais que atravessado, pelos espíritos animais, corpo do treinamento útil...” (FOUCAULT, 1987)

Percebemos como é necessário o fenômeno chamado de “desinstitucionalização” da escola de DUBET (1998). A consequência mais importante dessa mutação é a de colocar como central o trabalho de construção do sentido do trabalho realizado por professores e estudantes nas escolas. Deixando então de lado a termo utilizado no primeiro capítulo, quando ainda não sabíamos que descrevíamos a ESCOLA, mas agora que fizemos o exercício de conhece-la, podemos entender e perceber a

importância, do afeto, do prazer também dos estudantes não só fora de sala, mas principalmente dentro de sala.

Para MANNHEIM (1982), o problema geracional, parte não só da idade, mas também de mudanças que veem a ser suscitadas. Neste contexto o “espírito do tempo”, *grupo concreto*, há para um caráter contínuo das mudanças geracionais, então não há uma ruptura drástica de uma geração para outra, pois existe a *posição geracional*. Percebo que nas escolas a situações, que se não analisarmos mais especificamente, nos perdemos, um exemplo na sala de aula, não é porque um aluno e professor, convivem em sala, se dão bem, não é porque compartilham uma unidade temporal que se tornam uma *conexão geracional*. Já pode haver professores que não possuem uma *unidade geracional* que o outro, bem como alunos que estudam juntos, são amigos, porém também não possuem uma *unidade geracional*, somente porque têm a mesma idade e estão na mesma série.

Assim que pensamos em mudança, pesamos no que mais percebi nas escolas, que são os usos de celulares e aparelhos eletrônicos, os mesmo são muitas vezes o motivo para os conflitos em sala de aula. Utilizando SILVIA (2007), ela nos chama a atenção contexto da sociedade de consumo globalizada, o telefone celular consolida-se como um dos artefatos símbolo da contemporaneidade. Este mesmo que ora é proibido, ora não nas salas de aula. Em SILVA (2007), as novas tecnologias adquiriram uma centralidade, de comunicação e informação muito grande na vida dos indivíduos. O impacto dos telefones celulares, vai depender da especificidade local, tendo novas praticas e possibilitando novas sociabilidades. Nas escolas, por exemplo, o uso do celular para o professor se diferencia do uso do aluno. Existindo para os alunos alguns professores que possuem *tecnologias afetivas*. Que mantem os *laços sociais*, por isso que para alguns alunos certos professores se tornam mais próximos, devido a essa manutenção ser feita muitas vezes nas redes sociais.

. Em toda aula, o professor de sociologia, pedia para os alunos “desligar o marca-passos”, para ele isso era o celular dos alunos, ele dizia “parece até que se eles desligarem o celular eles morrem”. A situação ficava ainda mais complexa, quando ele mostrou a turma o celular que tinha, um bem antigo, sem as novas tecnologias. Para os alunos, quem não possui um celular moderno, não existe. Neste dia, fui percebendo que à medida que o professor, demonstrava mais sobre si, menos os alunos queriam se

aproximar dele, diminuindo a possibilidade de interação com a sociologia, como já mencionado anteriormente.

Muitos alunos possuem relações de afeto com os celulares principalmente neste momento em que a sociedade é marcada pela *instantaneidade*, *virtualidade* em que se vive a *modernidade líquida* (BAUMAN, 2001). Como uma forma *de estar no mundo*, como ressalta SILVIA (2007). Ainda assim, foram raros os professores os quais entrevistei que disseram estabelecer normas para o uso do celular. “Não tem como proibir, é o mundo que eles vivem, que a gente vive. Eu só combino com eles na hora que eu for explicar ninguém nem olha para o celular”. (Fala do professor). Já para os alunos: “Ele chega aqui cheio de bronca falando que vai tirar meu celular, que a musica que eu estou escutando é ruim, ai mesmo que não paro de mexer no celular”. (Fala de um aluno do primeiro ano).

Como proposto nas Orientações Curriculares Nacionais e Lei de Diretrizes e Bases (1996) e como percebemos neste trabalho é necessária, uma nova ação, conduzindo o aluno à imaginação sociológica, a desconstrução. Da mesma forma que cabe ao professor de sociologia, entender que não são todos “alunos ali presentes que futuramente irão ser sociólogos”. Onde a Sociologia deveria articular esses recortes no Ensino Médio, nos parâmetros curriculares e também na confecção de livros didáticos, onde ambos devem ser trabalhados em conjunto. Bem como entre as diferentes disciplinas, onde os alunos costumam gostar de atividades nesta configuração. Além da importância das pesquisas no Ensino Médio, pois pesquisa ali feita faz com que haja uma melhora significativa na Sociologia no Ensino Médio.

Em SARTI (2004), é pertinente pensar quem são para os jovens seus familiares, se eles se fazem presente na escola, o que esses familiares esperam desses atores, se os professores desejam que seus filhos também sejam professores, entre outros. O que perceberemos aqui neste trabalho família como *ordem simbólica* (SARTI, 2004), através da linguagem nas famílias – e também podemos trazer neste trabalho também para as escolas – histórias são contadas, interiorizadas e resinificadas. Muito percebido nas entrevistas com os alunos do terceiro ano do ensino médio, que a opção da profissão futura, passa por uma história contada pelos pais, “de ser alguém”,

ou no discurso de que existe alguém que “se deu bem na vida fazendo curso técnico, e que agora esta trabalhando no Porto do Açu”, entre outros.

A família é um *mundo de relações* (SARTI, 2004), bem como percebi a sala de aula e a escola – com suas mais diversificadas *redes* –. Em seu trabalho SARTI, 2004 utiliza a *família* com categoria nativa. Desta forma tentei analisar meus interlocutores e seus discursos também como categoria nativa, onde que o particular interfere no ensino.

Acredito que aqui neste capítulo tiveram algumas questões repetitivas, talvez traduzindo a educação escolar de uma forma um pouco utópica ou romântica de se “de se viver na escola. Acredito que as escolas as quais frequentei possuem objetivos, possuem funções, possui uma estrutura e dependência do político, Ao mesmo tempo não é viável ignorar que há diversos jovens, ali presentes, e que cada jovem, cada professor, membro da escola, possuem valores que influenciam suas atividades, e que mesmo de forma distinta, todos se concentram em um lugar, a escola. São relações multifacetadas, ali concentradas, talvez por isso a primeira vista, não parece ser harmônica, mas com abertura simbólica e física, percebemos os encontros dos diferentes atores.

Considerações Finais

Este trabalho me proporcionou uma grande experiência tanto acadêmica quanto na vivência da escola média. Bem como me encorajou a estar nas escolas não só para lecionar, mas também para pesquisar. Além do prazer que foi estar presente nestas escolas, com as pessoas que lá estavam. O tempo do desenrolar deste trabalho passei muitas situações pessoais complicadas e também tive perdas e momentos difíceis com os meus arquivos e eletroeletrônicos os quais tinham relatos do campo e até mesmo partes desta monografia, mas passado essas dificuldades, pude perceber o quanto o tempo é relativo.

Devido minha trajetória na graduação e a minha empatia pelas ciências sociais, vivenciei de forma muito prazerosa todo campo e tempo dedicado a este trabalho, e foi devido ao carinho de todos os interlocutores, a grande alegria que tenho por lecionar no curso preparatório e principalmente devido aos alunos de ambas as escolas, perguntarem sobre o trabalho, dizendo até: “..será a primeira coisa que vou ler até o fim”, que me impulsionou a desenrolar este trabalho como uma produção científica, mas também um retorno a esses e a todos os que me auxiliaram no mesmo.

Algo interessante que percebi no decorrer deste trabalho é que o pessoal muitas vezes influencia o profissional. pois foi percebido professores que se encontram vigentes no ofício, que em sua época de escola possuíam bons professores, tinham boa relação com a escola no geral e sua teve consequências no novo ofício na escola. Bem como pessoas que tiveram a trajetória, complemente ao avesso e ainda assim volta pra fazer diferente. Por mais que saibamos que falta estrutura de recursos nas escolas, parcerias com a comunidade, verbas, computadores, projetos eficazes, corrupção, têm muitos profissionais da educação que fazem de “tudo” para um rumo diferente deste panorama.

Algo que também me levou a refletir nesse trabalho foi sobre a formação dos professores de sociologia. Com este trabalho, percebo que a sala de aula é uma relação, me pergunto como os alunos de sociologia se relacionam com a universidade, com os professores. Olhando a realidade de Campos dos Goytacazes, muitas vezes existem pessoas cursando, mas não se relacionando com o curso, e mediante as dificuldades do mercado, muitos desses que não se relacionaram, não tinham tanto apreço, vão para o

ensino médio, mediante uma lógica utilitarista, o que me leva a pensar como será esse condutor do processo de ensino aprendizagem?

São questões que foram suscitadas a partir dos resultados percebidos neste trabalho. Comecei a fazer um processo de estranhar não só a escola, mas também a universidade. Essa foi uma pesquisa, a qual no final, me trouxe outras perguntas, novas questões, mas sobre o trabalho aqui explícito, tinha dentre seus objetivos de relativizar a escola em sua totalidade, mas sendo percebido a partir do micro, das interações, conflitos, prazer e poder. Pois considerei pertinente, as conversas e observações dessas questões, onde os discursos se demonstravam, sejam em *estereótipos*, *ethos*, *as ideologias*, que vinham não somente daquele *campo de discurso*, mas de uma *cena englobante*, da sociedade, de suas casas, da fase de vida em que os atores viviam, entre outros.

Além disso, percebemos a estrutura da ESCOLA – esta descrita em caixa alta, não somente para chamar a atenção, mas também para percebermos que ela passou pelo processo de ser distanciada, relativizada, a qual passou por um olhar crítico – de forma muito patricular, e não somente física, mas de uma forma sensível, onde contém problemas gerais, como as reclamações de alunos e professores, sobre a escola e sobre o outro, sobre a sociologia. Mas também tem a vivencia e encontros nesses espaços.

A partir da análise das falas dos interlocutores, foi percebido em primeiro momento um forte culpabilização de um para com outro, devido a situações gerais, e específicas. E que isso dificulta e até torna inviável em algumas situações o processo de ensino e aprendizagem.

Diferentemente, quando os alunos e professores, possuem uma relação afetiva, próxima, não só o professor é bem visto, mas também a disciplina por ele lecionada e o espaço escolar, pois como percebido nas falas e nos eventos ocorridos nas duas escolas estudadas, como a Festa, a Manifestação, quando os jovens são permitidos a se relacionarem com o local onde se encontram, sentem prazer e às vezes até poder, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Fazendo-se diminuir todos os problemas desde o transporte, a falta de recursos, entre outros.

Ainda assim, muitos jovens e profissionais ali presentes, não os olham, não os permitem, não se utiliza de suas artes, ou de um uma reportagem atual, um conflito ali gerado, por exemplo, para problematizarem, explicarem conteúdos das disciplinas.

Com este trabalho, também podemos comprovar, que os professores e as aulas mais “bem vistas”, pelos alunos, são de profissionais, que não deixa de deter o *poder* muitas vezes, mas inova na forma de falar, nos recursos didáticos, leva vídeos, filmes, músicas, curiosidades, possuindo aulas mais lúdicas e funcionais aulas, são os professores que fazem o uso de redes sociais, mas principalmente que olham para seus alunos também fora de sala de aula.

Esses professores possuem um discurso e atitudes de amor a profissão. Neste caso não importando a idade do professor. Mas sim como este esteve utilizando, perpassando os mais variados espaços da escola e da vida do aluno. Como já mencionado antes, não defendo aqui uma familiarização, maternidade dos professores para com os alunos, mais de uma maior relação e afeto, pois como percebido, são grandes recursos, para se cumprir o processo de ensino e aprendizagem, bem como fazer do ambiente escolar um local mais funcional e prazeroso. Pois no roteiro de entrevista tinha uma questão para os interlocutores comentarem, sobre a escola ser um lugar do conhecimento ou lazer, e os entrevistados que respondiam “os dois”, eram esses que mais tinham êxito, nas distintas relações presentes nas escolas.

Os conflitos, prazeres, e poder, muitas vezes foram percebidos, de forma separada ou entrelaçadamente, pois foi percebido que, em muitas vezes o que é prazer para um nem sempre é prazer para o outro, exceto no que demonstrado no capítulo do prazer.

A forma de escrita bem etnográfica e o jogo de palavras num trabalho acadêmico, pode ter fugido um pouco dos trabalhos acadêmicos, mas esse era um dos objetivos deste trabalho, repensar como se dá o processo de ensino-aprendizagem, as aulas de sociologia, mas principalmente, como são constituídas, percebidas, e quais são as consequências dessas diversas relações, presentes e vivas no interior das escolas. Repensar a escola, significa olhar de forma diferente, atribuindo-a um novo sentido.

Após as observações nos diferentes *campos* escolar, pude perceber os jovens, quem eles são, do que gostam ou não, como eles se mostram, como são percebidos. A partir disso comecei a lecionar melhor, a entendê-los. Bem como os professores, que se utilizam da realidade de seus alunos, mencionaram que isso influencia diretamente no processo de ensino aprendizagem. Como por exemplo, minha última aula no pre- vestibular que leciono, fizemos um piquiniu, na que fiz estágio, produzir um vídeo dos alunos falando sobre a escola. Isso chama a atenção, ao mesmo tempo que os faz entender os conceitos,

possuir mais criticidade, atribuído mais prazer no ofício do professor e aluno, sendo agora um ator principal, na arte do ensino. Utilizo-me como exemplo neste caso, pois com os jovens pesquisados e os jovens que lecionam, aprendi que eles dizem sobre eles, demonstram sobre si, e que se utilizar disso em sala de aula, a deixa muito mais interessante, fazendo sentido aos alunos e facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, foi observado que essas escolas estão repletas de diferentes *redes*, e nessas *redes* (sala dos professores, sala de aula, pátio, quadra), esses atores se modificam se relacionam com e nesses locais. Uma grande dificuldade que este trabalho me proporcionou, foi a difícil missão de permanecer focada em meu objeto, pois o ambiente escolar, devido à riqueza do campo, mas me mantive fiel, ao meu objetivo inicial, pois na medida em que o campo se mostrava, eu percebia que toda essa riqueza, poderia se relacionar com meu objeto. Que quando o convívio é respeitado pelos atores encontrados na escola sobressai o fazer sentido a trajetória escolar, de maneira relativizada, e não com influências do nosso juízo de valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a Pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992
- _____. PASSERON, Jean-Claude. **O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- DUBET, François. Quando um sociólogo quer saber o que é ser professor. *Revista Brasileira de Educação*, nº5, Set/Out/Nov/Dez, 1997.
- Disponível:<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde05_6/rbde05_6_19_angelina_e_marilia.pdf> Acesso em: mar.2013
- _____. A Formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Contemporaneidade e Educação*. Ano III, nº3, Março, 1998.
- Disponível:<<http://ensino.pimentalab.net/textos/Dubet-Francois-formacao-individuos-desinstitucionalizacao.pdf>> Acesso em: mar.2013.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalto. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. **Linguística III : teoria da análise do discurso - Letras Vernáculas**. EAD, módulo 3, Vol. 4 Ilhéus, BA : UAB/ UESC, 201.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**; tradução: Maria Célia Santos Raposo. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____ (1988) ***Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada***. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

_____ (2003) **Manicômios, Prisões e Conventos**, Brasil, Editora Perspectivas S.A.

PARK, Robert E. (1979), "**A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**", in VELHO, O.G.(org.), **O fenômeno urbano**, Rio de Janeiro: Zahar.

SIMMEL, George. **O Estrangeiro**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE, Vol. 4, n 12, dez 2005.

TURNER, V. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**.

São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ANEXOS:

- Roteiros de entrevistas, para os discentes e os docentes. Vale a pena ressaltar que os roteiros serviam de auxílio para as entrevistas, e nem sempre era utilizado todas as questões neles presentes, pois em cada entrevista/conversa, possui fatores que conduzem a mesma, que vão para além do programado. Mas a grande parte do contato com os interlocutores foram norteadas por essas questões presentes nos roteiros.



Aluna: Raíssa Moquiche da Costa

Orientador: Carlos Eugênio

Roteiro de entrevista para os alunos

- Relação Familiar...
 - 1- Onde você mora?
 - 2- Com quem você mora?
 - 3- Acredita que seus responsáveis são presentes em sua vida escolar?
 - 4- Eles possuem alguma preferência quanto ao seu futuro tanto pessoal quanto profissional?
 - 5- Seus responsáveis já vieram na escola, por algum motivo?
 - 6- Qual é o grau de escolaridade dos seus pais e familiares?
 - 7- Quanto tempo estuda nesta escola? Já estou em quantas?

- Relação com a escola e o professor...

- 8- Gosta de estudar aqui? Por quê? (caso não, por quê?)
- 9- Qual é sua relação com os professores? Têm um que gosta mais ou menos? Por quê?
- 10- Como seria uma aula que você acredita que seja “boa”?
- 11- Você gosta das aulas de Sociologia? E do professor?
- 12- Se existisse um tipo ideal de professor, de escola, de aula como seria?
- 13- Você se identifica com algum professor ou funcionário da escola?
- 14- O que a escola tem de mais próximo e de mais longe de você?
- 15- Qual foi o evento que ocorreu na escola em que você mais gostou ou menos gostou?
- 16- Você participa das aulas? Acha que são ensinadas coisas necessárias?
- 17- Você já presenciou ou participou de algum tipo de conflito na escola?
- 18- Você percebe alguma crítica, olhar ou repulsão do professor?
- 19- Existe algum tipo de liderança em sala de aula?

➤ Relação com a Sociologia

- 20- Como você entende a Sociologia?
- 21- O que você acha dos professores de Sociologia?
- 22- Você gosta da disciplina?
- 23- Como foi sua primeira relação com a disciplina?
- 24- Você teve alguma crítica a algo, a sociedade, ao governo, após alguma aula de sociologia?
- 25- Você se vê sendo professor de sociologia? Por quê?
- 26- Qual é a importância da Sociologia para você?

➤ Relação com seu *eu*...

- 27- Qual é o seu maior desejo?
- 28- Fala-me um pouco do seu cotidiano?
- 29- Você namora? Ele (a) estuda aqui?
- 30- Qual são suas expectativas para o futuro?
- 31- Pensa em fazer faculdade, casar, fazer faculdade?
- 32- Possui muitos amigos na escola? Encontra com eles fora daqui?
- 33- Você costuma sair muito para festas? Quais? Encontra seus amigos da escola?
- 34- Você acha que o que se ensina aqui é próximo do que você vive?

➤ “A escola não é mais lugar do saber e sim do lazer”. Fale-me um pouco da sua interpretação sobre esta frase.

Roteiro de entrevista para os professores

➤ Relação Familiar...

1. Onde você mora?
2. Com quem você mora?

3. Você teve alguma influencia de amigos ou familiares para escolher essa profissão?

4. Por que você escolheu trabalhar em escola?
5. Se tivesse um filho, gostaria que seu filho fosse professor?
6. Seu trabalho te traz benefícios? Quais? E malefícios? Quais?

➤ Relação com os alunos, à escola e a Sociologia.

7. Já presenciou ou viveu algum conflito, alguma relação em que você se decepcionou com a escola, com algum professor ou aluno?
8. Como costumam serem suas aulas?
9. Você se utiliza de alguns recursos didáticos diferenciados para uma aula mais lúdica?
10. Há quanto tempo você leciona?
11. Você deseja continuar lecionando?
12. O que você espera do futuro de seus alunos?
13. Você teve alguma experiência especial, com os alunos ou na escola?
14. Quais são as maiores dificuldades da profissão?
15. Se existisse um tipo ideal de aluno e de escola, para você qual seria?
16. Quais são suas expectativas sobre os alunos, a escola, a educação e a sociologia nas escolas?
17. Quais são as maiores dificuldades da disciplina de sociologia?
18. Quais são os temas das aulas que os alunos mais interagem?
19. Você se vê mais próximo ou mais distante dos alunos?
20. Existe algum tipo de liderança em sala de aula?
21. Quais são suas expectativas para o futuro profissional e pessoal?
22. Você possui amizades, relações no meio em que trabalha?
23. Você percebe a presença ou ausência dos familiares na escola, acredita que isso faz diferença para os alunos?
24. Você acha que os alunos se sentem deslocados na escola, nas aulas? Por quê?
25. O que você acha dos alunos? O que você acha dos seus desejos?
26. Por que tantos jovens estão desestimulados com a escola?
27. Já presenciou algum aluno denegrindo a escola?

28. Qual é a metodologia utilizada pelo professor, para que os alunos o respeitem?
 29. Você acredita que é difícil trabalhar com os Jovens?
 30. Você acha que eles se “entendem” como aluno?
 31. O que você acha sobre a hierarquia em sala de aula?
 32. Você percebe alguma crítica, olhar ou repulsão do aluno?
 33. Como você acha que a sociologia é entendida pelos alunos?
- “A escola não é mais lugar do saber e sim do lazer”. Fale-me um pouco da sua interpretação sobre esta frase.